

A Busca da Mortalidade

Wanju Duli

2016

Imagem de Capa: © Ghost of Art | Deviantart.com

Design de Capa: Luigi Ligocky

Sumário

Capítulo 1: O Abismo.....	5
Capítulo 2: Diminuir.....	47
Capítulo 3: Desaparecer.....	68

Capítulo 1: O Abismo

– Por favor, Elale, por favor... faça com que corra tudo bem em minha cerimônia de maioridade. Estou com medo.

Eu não sabia porque temia. Possivelmente, por um motivo bobo: parecia estranho deixar de ter uma idade de apenas dois dígitos.

Passaria a fazer parte do mundo dos adultos. Era doloroso deixar a adolescência para trás.

O que eu tinha feito de útil ao longo daqueles 99 anos?

Apertei os olhos e rezei com mais fervor, com os joelhos doloridos. Eu já estava lá há duas horas.

– Querido Elale, gentil Elale. Sou tão fraca! Não sou como tu, bondosa Elale. Me dá um pouco da tua força!

Senti lágrimas nos olhos. Tentei me levantar, mas eu já não sentia meus joelhos ou minhas pernas.

Com muito esforço, consegui ficar de pé. Meus joelhos estavam sangrando. Retirei o milho que havia grudado.

Agora eu me sentia mais forte.

Lá fora eu me encontrei com Marta.

– E então? – ela me perguntou – fez sua penitência?

– Eu me sinto leve – disse a ela – mas não quero fazer cem anos.

– Por que não? – perguntou Marta, estranhando – é uma grande honra. Eu mesma fiz cem anos dois

Wanju Duli

meses atrás e foi maravilhoso. Não achou a cerimônia belíssima?

– Achei. Mas não me sinto particularmente empolgada para a minha.

Era verdade. Por que eu deveria comemorar estar mais velha? Afinal, nós éramos imortais. Qual era a diferença de ter cem ou duzentos anos?

Meus pais tinham mais de quatrocentos anos. Eu conhecia pessoas com mais de mil, dois mil, três mil anos. Até dez mil.

Era uma vida sem sentido. Apenas a busca desenfreada por prazer. E mais nada.

E aquelas cerimônias! Eu iria participar daquilo apenas para agradar aos meus pais. Não passava de uma formalidade ridícula. Eu estava farta.

– Posso trançar os teus cabelos? – pediu-me Marta.

Eu assenti e sentei-me numa pedra. Ela colocou-se por trás de mim e passou a trançar meus longos cabelos negros ondulados. Eles já passavam da cintura.

Eternamente jovem. Meus próprios pais não aparentavam ser muito mais velhos que eu.

Eu já havia visto pinturas de pessoas mais velhas, com pele enrugada e cabelos brancos. Mas isso não passava de uma lenda.

– Se ao menos eu encontrasse a Ceifadora...

– Você está de novo falando essa bobagem? – repreendeu-me Marta.

– Mas de que mais posso falar? Não quero viver para sempre.

Marta suspirou.

A Busca da Mortalidade

– Aceite seu destino com serenidade, Maria. Não se conforma de ser apenas humana? Por que desejar desesperadamente ser qualquer outra coisa do que aquilo que és?

– Porque não estou satisfeita.

– E quem disse que vivemos para ficarmos satisfeitos? – Marta bufou – não é isso que aprendemos em nossa religião. Você rezou por duas horas para Elale e não entende algo tão simples?

– É meu dever que eu siga vivendo e adorando Elale. Mas estou cansada de apenas dar-lhe minhas flores e meu sangue.

– O que mais você quer?

Eu não respondi. Sentia um desconforto.

– Quero dar a ela meus ossos – falei, por fim.

– Você não pode morrer, Maria! Aceite isso. Já ouviu as histórias dos nossos antepassados que tentaram tirar a própria vida. Tudo em vão. Só gerou dor desnecessária.

– Não me importo com dor desnecessária. Eu quero a verdade.

– Elale é a verdade!

– Sei disso. E é por isso que desejo completar minha jornada.

Quando Marta terminou minha longa trança amarrou-a com uma flor rosa na ponta. Trocamos beijos no rosto e nos separamos.

Eu segui no caminho de casa, com meu longo vestido branco. A paisagem era tão bela! Campos sem fim, árvores, pássaros, um rio, flores, beleza, beleza! Era tudo muito encantador, mas jamais me tocava realmente.

Wanju Duli

Aos poucos eu ia deixando o templo para trás. Mas já sentia saudades dele. De contemplar a estátua de nosso Deus hermafrodita, que também era uma Deusa.

– Oi, Maria. Está vindo do templo?

– Estou.

– Vou para lá agora.

– Também está se preparando para sua cerimônia?

A cerimônia de Pedro seria uma semana depois da minha.

– Não. Eu vou fugir.

– Por quê?

– Porque estou de saco cheio.

– Não acho que seja um bom motivo.

– E você se acha muito nobre por ter motivos elevados para ficar? – ele me desafiou.

– Para onde você vai?

– É óbvio. Para o Abismo.

Eu fiquei quieta.

Nos limites de nosso mundo havia o Abismo. Éramos todos proibidos de ir lá. Muitos antes de nós já tinham se jogado e era uma perda de tempo.

Sentíamos muita dor ao cair e não morríamos. Éramos obrigados a nos arrastar de volta e escalar todo o caminho, quase em pedaços.

Em geral, uma equipe de resgate chegava antes, mas todo mundo desprezava aquela equipe de resgate. Afinal, quem ia para o Abismo queria sentir adrenalina. E o desafio de escalar tudo de volta fazia parte dela.

Eis a diversão dos imortais: tentar tirar a própria vida com métodos cada vez mais criativos. Particularmente os adolescentes eram muito fãs

A Busca da Mortalidade

disso. Mas até então nenhum imortal tinha sido completamente sucedido em arrancar a vida fora.

Você podia até cortar a si mesmo em mil pedaços. A alma acabava por reunir tudo de volta. Às vezes nem ficava cicatriz.

Pouquíssimos já tinham conseguido formar cicatriz no corpo. Esses poucos costumavam exibí-las com orgulho. Significava que já tinha tentado se destruir de dezenas de formas diferentes, uma mais violenta que a outra. E que não temiam a dor.

E Pedro adorava esse tipo de jogo. Os pais dele ficavam brabos porque ele não parava de causar dor a si mesmo.

– Não quer ir lá comigo, Maria?

– Não quero me jogar.

– Não precisa se jogar, se não quiser.

– Se você me empurrar, vou arrancar seus cabelos.

– Pode arrancar – riu Pedro – eles vão crescer de novo, como sempre.

– Promete que não vai me empurrar e te acompanho.

– Eu não vou fazer uma promessa entediante como essa.

Resolvi ceder.

– Está bem, vou com você.

– Vamos fazer o seguinte – propôs Pedro – quando eu cair lá embaixo eu te digo se foi legal. Se foi, você pula. Se não foi, aí você espera eu subir.

– Tem gente que leva dias para escalar aquele negócio – argumentei – é um passatempo idiota, para crianças.

– Bem, nós ainda somos crianças. Então me permita esse último luxo.

– Está bem.

Pedro não tinha muito medo da dor. Ele já tinha cortado os braços e as pernas fora algumas vezes para ver como era. Começou pelos dedos. Ele achava muito divertido quando eles cresciam de volta.

Mas não era instantâneo. Aquilo doía de verdade, uma dor genuína e sofrida. E levava dias para que nossos membros se recuperassem. Podia até levar meses, caso a pessoa picotasse o corpo inteiro em vários pedacinhos pequenos.

Sério, eu achava isso muito imbecil. Nunca tinha feito nada ao meu corpo, porque achava que aquilo era coisa de crianças.

O que eu queria mesmo era encontrar a Ceifadora, pois diziam que ela era uma entidade capaz de arrancar a alma. Somente ela ofertaria a morte definitiva a um imortal.

E assim conheceríamos o mundo dos Deuses.

Um imortal estaria eternamente condenado a ficar preso em seu corpo de carne. Mas enquanto estávamos no corpo presente nunca teríamos acesso direto aos Deuses. Podíamos rezar para eles nos templos. Alguns tinham visões. Mas nada além disso.

Eu me interessava muito pelo aspecto espiritual da vida. Diferente dos meus outros amigos que preferiam os prazeres da carne. É claro que eu também gostava dos prazeres dos sentidos, mas sentia sede por espiritualidade.

Afinal, o prazer do corpo e da mente pareciam circulares e sem sentido. Uma eterna repetição que não me levaria a lugar algum.

As pessoas seguiam celebrando seus aniversários, como se aquilo fosse grande coisa. “Que bom, estou

A Busca da Mortalidade

um ano mais velho para continuar me drogando com prazeres diversos!”

Mas eu não via nada de louvável nisso. Nada de útil.

– Vamos lá?

– Agora? – perguntei, surpresa – achei que iria para o templo antes.

– Sim, eu vou rezar para Elale, porque eu vou pular lá. Vou pedir ajuda para que ela me gere uma dor que posso suportar.

Era tradição que ninguém pulasse no Abismo drogado. Afinal, já sabíamos que não íamos morrer ao pular. Muitos já tinham tentado aquilo antes. Então, a adrenalina da coisa toda era não saber o grau de dor que aquele negócio ia causar.

A busca da dor não deixava de ser um tipo de prazer. Pedro era viciado na adrenalina que sentia antes de arrancar um membro ou colocar-se à beira da morte. Mas nunca era totalmente divertido, pois jamais morríamos definitivamente.

Aguardei Pedro do lado de fora do templo, pois já tinha ficado duas horas lá.

Após rezar por uns quinze minutos ele saiu. Pedro usava um tipo de manto branco. O nosso povo gostava muito de branco.

Eu era mulata e Pedro tinha a pele negra. A maior parte de nossos habitantes tinha a pele escura. Morávamos num local com clima tropical muito agradável e por isso nossas roupas brancas eram feitas de um tecido muito leve.

Sabíamos que havia outras cidades e países, mas nunca tive muita vontade de conhecê-los. Os seres humanos eram iguais em qualquer canto. Não estava

interessada em peregrinar pelo mundo da carne e sim pelo mundo do espírito.

– Está preparada para a caminhada? – ele perguntou.

– Não é tão longe assim.

– Umhas quatro horas.

– Consigo chegar em três – falei – você que é muito lerdo.

– Opa, então você já foi até lá antes?

Tive que admitir. Eu já havia ido lá duas vezes alguns anos atrás. Mas apenas dei uma espiada e fui embora.

– Hoje é sua primeira vez e já pensa em pular? – perguntei.

– E... qual é o problema?

Bem, tínhamos apenas 99 anos. Éramos adolescentes. Eu o desculpava.

Mas no dia seguinte seria minha cerimônia de maioridade. Haveria bolos, enfeites, música tradicional. Eu precisava chegar cedo. Se me atrasasse, iam me matar.

– É bom que você consiga escalar de volta antes que anoiteça – alertei-o – porque eu não vou te esperar.

Ele apenas me deu um sorriso divertido. Será que estava tramando alguma coisa?

Éramos amigos desde crianças: eu, ele, Marta e mais um pessoal. Quando pequenos brincávamos de correr, de pular, essas coisas.

Depois frequentamos o colégio por quinze anos: dos quinze aos trinta. E a universidade por vinte anos, dos trinta aos cinquenta.

A Busca da Mortalidade

E aí acabaram nossas obrigações. Eu já estava cansada de estudar e ler. Já sabia várias línguas e não havia muito que fazer com aquele conhecimento, além de mera curiosidade intelectual. E eu já estava cansada de ler livros, de aprender tanto. Estava entediada!

De que adiantava saber tantos idiomas e ler tantos livros se aquilo só me contava sobre as coisas da mente e da carne? Queria saber sobre o espírito.

Por isso andava rezando bastante para Elale, até que meus joelhos sangrassem. Ninguém tinha medo de se machucar e sentir dor em nosso mundo, porque nos curávamos facilmente.

É claro que a dor era algo desconfortável. Sentir dor demais podia atingir a mente de forma irreparável e nos deixar quase loucos.

Nos livros de história estudávamos sobre as guerras do passado e sobre os métodos de tortura que inventaram. Eu sentia um arrepio só de lembrar. Quando se é imortal, as possibilidades de tortura são infinitamente mais terríveis.

Não tínhamos cemitérios, mas tínhamos hospícios. Muitos. Era difícil produzir dano definitivo em nosso corpo, mas danos em nossa mente eram possíveis.

Os imortais possuíam mentes fortes. Éramos acostumados a aguentar a dor. Mas sempre havia aquele tipo de dor que passava do limite.

Não era o caso do Abismo, é claro. O Abismo só produzia dor no momento em que caíamos. Não aquele tipo de dor assustadora e contínua da tortura, que podia durar horas, dias, semanas.

E tortura nunca produzia morte. Só loucura.

O que realmente produzia a morte era a Ceifadora. Eu precisava encontrá-la. Disse isso a Pedro.

– Por que você quer encontrar a Ceifadora agora? Que tal buscá-la daqui uns cem ou mil anos?

– Por que eu iria querer continuar viva por tanto tempo, sem fazer nada? – perguntei, sem entender – só amaciando minha carne?

“Amaciar carne” era um termo pejorativo para os prazeres dos sentidos. Ou seja, fazer coisas como comer, dançar, jogar, ler. Só prazer idiota.

– Mas é legal fazer isso com os amigos – argumentou Pedro.

– Só por um tempo. Depois vira uma atividade infeliz e repetitiva. Por que repetir tantas vezes? Eu como uma vez, sinto prazer, como de novo. E daí?

Se um imortal ficava semanas ou meses sem comer, começava a sentir dores intensas. Nós emagrecíamos um pouco, mas não a ponto de ficarmos só pele e osso.

Aquela era outra possível forma de produzir loucura: privação de sono, comida e água.

Eu não me importava de comer apenas o mínimo para ficar viva. Até ajudava, diziam, a buscar o espírito. Na beira da loucura era possível escutar os Deuses.

O nosso país era burro, porque considerava a loucura uma doença. Mas para os nossos sacerdotes a loucura podia ser divina.

– Será que não podemos tocar a alma no meio da loucura? – perguntei.

– Às vezes.

A Busca da Mortalidade

Nós tínhamos livros sagrados. E vários deles faziam referência à Ceifadora, a Deusa da Mortalidade, ou Deusa da Morte.

Aquele era o maior sonho de qualquer imortal: tornar-se mortal. Mas todos consideravam a mortalidade uma lenda. Diziam que a Ceifadora de nossos livros sagrados era apenas uma metáfora.

Ou seja, que se rezássemos muito e fizéssemos jejuns podíamos contatar a Ceifadora por alguns instantes, tocar nossa alma, e nos sentirmos “como se estivéssemos mortos”.

A morte era o objetivo da vida, pois somente com a morte completa do corpo podíamos tocar o nosso espírito e chegar a Deus.

Por isso, no fundo a jornada dos imortais era só uma: realizar uma grande jornada até encontrar a lendária Ceifadora. Eu estava convencida de que ela não era uma metáfora, mas existia em algum lugar de nosso mundo.

– Tem certeza que ela não está em outro mundo?

– Pode ser – respondi – mas pode ter algum lugar ou algo que possamos fazer para chegarmos a ela. Os livros sagrados falam disso.

– Os livros sagrados são muito chatos, enrolados e misteriosos. Eu vou te mostrar o que é diversão. Veja só: chegamos. Eis o Abismo.

Senti um frio na espinha. Eu sempre sentia ao olhar para baixo. Era muito alto! Difícil de acreditar que até um imortal ficava vivo após cair lá.

Pedro deu um sorriso satisfeito, certamente sentindo uma adrenalina violenta. Estava suando.

– Acho que vou sentir mais dor do que quando decepei as pernas – ele disse.

Wanju Duli

– Pode apostar que vai.

Ele engoliu em seco.

– Precisa de um empurrãozinho? – perguntei, com um sorriso malvado.

– Não, pode deixar. Quero fazer por mim mesmo, na raça. E aqui vamos nós. Que Elale tenha piedade!

E ele pulou.

Não fiquei surpresa. Sabia que pularia. Eu conhecia Pedro bem. Ele era corajoso. Ou idiota. Sei lá.

Eu fiquei lá por uns cinco minutos esperando escutar alguma coisa, mas não houve som algum. Eu esperava que, naquele instante, ele já tivesse caído.

– Pedro! – gritei.

Estava ficando zangada. Ele pretendia fazer joguinhos comigo, para me assustar?

– Pedroooooooooooooooooo!!

Caramba. Quinze minutos se passaram e nada.

Sentei-me na grama e apreciei o céu. Ainda eram duas da tarde. Caso Pedro se apressasse, eu esperava retornar com ele para o vilarejo antes da meia-noite.

Mas as horas se passaram. Estava começando a escurecer. E quando a noite caiu completamente senti-me extremamente solitária.

Eu tinha medo do escuro e da noite. Não havia Lua no céu. Estava tudo um breu completo.

Sentia frio. Deitei-me na grama e abracei meu corpo.

Não sei como, mas acabei dormindo. Acordei com o nascer do Sol. Minhas costas doíam e meu vestido branco estava cheio de terra.

A Busca da Mortalidade

Sentei-me. Nada de Pedro. Se eu não fosse embora logo, chegaria atrasada na minha cerimônia de maioridade.

Cem anos! Eu me sentia importante. Não era mais uma adolescente. Era uma adulta. Precisava ser responsável.

– Que droga, Pedro!

Por que ele tinha que inventar aquela porcaria logo no meu grande dia? Mas, pensando bem, até que foi bom para eu me distrair. Minha cabeça estava cheia ultimamente. Repleta de tédio e de vazio ao contemplar a falta de sentido de uma vida somente em busca de prazeres.

É claro que era igualmente idiota uma vida em busca de dores, como aquela coisa ridícula que Pedro estava fazendo. Mas pelo menos era um tipo de revolta, então já me deixava um pouquinho feliz.

Quando deu meio-dia, desisti de ir para minha festa. Resolvi esperar por Pedro, pois por um momento fiquei preocupada. Já tinha ouvido falar de pessoas que levaram uns três ou quatro dias para escalar o Abismo. E eu não sabia o quão machucado ele estava.

Eu já conseguia até imaginar Pedro chegando triunfante coberto de sangue e fraturas expostas, dando um sorriso do tamanho do mundo: “Nossa, foi irado! Você tem que fazer isso! Eu vou fazer de novo daqui umas semanas assim que me recuperar!”

Sim, eu o via claramente dizendo isso para mim.

Mas e se ele não retornasse? E se ele encontrou algo muito legal lá embaixo? Será que todo aquele pessoal que se jogava ia lá só pra sentir dor? Ou havia

Wanju Duli

mesmo algum segredo que só o clubinho dos falsos suicidas sabia?

– E então, vai se jogar ou não?

Virei para trás, surpresa. Uma garota negra de cabelos cheios e crespos se dirigia para mim. O vestido branco dela era mais longo que o meu.

– Não, só estou esperando um amigo – expliquei.

– Que covarde. Vem aqui, vamos nos jogar juntas.

Ela pegou no meu braço, mas eu o retirei apressadamente.

– Não estou a fim – argumentei.

– Você tem medo da dor? – ela sorriu.

– Não é que eu tenha medo. Só não vejo nenhum sentido nisso.

– E qual o sentido de sentir prazer? A dor também é uma forma de prazer, sabia? Depois de se jogar, dá uma sensação muito boa de orgulho. É a segunda vez que vou fazer isso.

– Não sou masoquista – falei – há algo de interessante lá embaixo?

– Sim. Quer ver?

Confesso que fiquei um pouco curiosa. Mas só um pouquinho.

– Não pode me dizer? – perguntei.

Ela fez que não.

– Não importa – eu disse – meu amigo vai me contar quando voltar.

– Ele não vai. É a regra.

Eu fiquei braba. É claro que eu estava ansiosa para saber sobre o segredinho deles.

Pensando bem, não seria fantástico me jogar lá no meu aniversário mais importante?

A Busca da Mortalidade

– Será que dói mais se nos jogarmos juntas? – perguntei, incerta.

– Não faz tanta diferença. Você só vai perder de curtir o terror da solidão, de estar lá no meio do nada e despedaçada, sem saber o que será feito de você. Eu poderia poupá-la dessa parte.

Eu não quis. Fiz que não. Ela deu de ombros. Deu alguns passos adiante.

– Espera – falei – qual é o seu nome?

– Bianca.

Ela sorriu para mim e pulou.

Dei um longo suspiro. Aquilo não me deixou mais tranquila. Quando a tarde acabou outra vez e a noite chegou, eu estava angustiada.

Sentia fome, sede e frio. Eu precisava voltar. A culpa era de Pedro por ser um trouxa. Nem sei porque aceitei acompanhá-lo.

Mas talvez fosse melhor me jogar mesmo do que inventar uma explicação para meus pais, por ter faltado meu próprio aniversário. Podia ser que tivessem alguma compaixão de mim.

Ajoelhei-me e rezei. Eu estava tremendo.

– Deus Elale, me proteja. Faça com que eu sinta uma dor que posso suportar.

Eu estava suando.

– Nunca me machuquei assim antes. Será que uma grande dor no corpo me fará enxergar o espírito...?

Aquilo era uma mentira. Eu sabia que não faria a menor diferença, mas eu precisava arrumar uma justificativa.

Olhei mais uma vez para baixo. Recuei e avancei algumas vezes. Ajoelhei-me, rezei de novo. Acho que

Wanju Duli

gastei uma meia hora apenas naquele ritual sem sentido.

Por fim, pronunciei uma última vez o nome de Elale e saltei.

A queda me deu medo, adrenalina. Demorei tanto para cair que pensei em mil coisas.

Eu não devia ter feito isso. Não gosto da dor. Sou uma idiota. Eu quero voltar. Quero meus pais, meus prazeres, minha festa, minha vida sem dor.

Eu quero estar em qualquer lugar que não seja aqui.

E quando atingi o chão, minha mente apagou. A dor foi tão grande que minha mente não soube lidar com todo aquele impacto que se espalhou para meu corpo.

Eu não sentia mais nada. Mas quando comecei a sentir foi terrível.

Eu queria ter qualquer outro corpo que não fosse o meu. Queria estar em qualquer outra carne que não fosse aquela carne sangrenta e despedaçada.

Comecei a chorar, arrependida. Vi meus pedaços de braços, amassados nas pedras. Muito sangue, carne e ossos, tudo espalhado.

Eu tinha virado um bife. Minha cabeça também devia ter rachado, pois eu sentia uma grande dor.

Não sabia mais o que eu era. Um monte de pedaços espalhados nas pedras. Pedaços conscientes.

– Por favor, Elale, me mate.

Rezei isso diversas vezes, mas meu pedido não foi atendido. Afinal, eu tinha a maldição da imortalidade. Estava condenada a sentir dor extrema e eterna. Como num inferno sem fim.

A Busca da Mortalidade

A nossa vida era como um inferno completo: viver sem a morte, uma vida incompleta. Uma vida que só era carne e nunca espírito.

Eu não conseguia falar, abrir os lábios e articular sons por eles. Por isso, a minha reza era mental.

Minha agonia durou longas horas. Eu tinha perdido a noção do tempo. Para mim, pareceram dias. Mas ainda devia ser a mesma noite.

Somente com o nascer do Sol consegui me mexer de novo. Aos poucos meu corpo estava se curando. Mas aquela lentidão me angustiava.

Aqueles masoquistas se viciavam na sensação incrível de se jogar e de se despedaçar. Mas aquela foi a pior sensação da minha vida. Eu jamais faria aquilo de novo.

Aos poucos eu ia movendo meu corpo, meus braços. Mas mover somente um músculo já me gerava uma dor inimaginável.

Tive que esperar muito tempo até conseguir me mexer de verdade e me sentar. Eu não conseguia me ajoelhar, pois meus joelhos estavam destruídos, com o osso para fora. Naquele instante, ajoelhar-se no milho parecia ser a menor dor do mundo.

Mas rezei sentada mesmo assim. Rezei para que aquela dor terminasse, mas não terminava nunca.

Olhei para cima. Eu teria que escalar aquela monstruosidade machucada e cansada como eu estava? Como eu faria aquilo? Eu levaria semanas! Não, meses!

Eu devia ser otimista. Aos poucos meu corpo se curaria e eu me acalmaria.

Senti o terror do qual Bianca falou, pois não vi ninguém ao meu redor. Éramos somente eu e Elale.

Wanju Duli

Mas a morada dos Deuses não ficava nesse mundo.

Na próxima noite, iniciei minha escalada. Mas quanto mais eu tentava subir, mais desejava apenas deitar e dormir. Eu tocava meu osso diretamente na pedra e gritava.

E eu caía. Não tinha jeito. Eu estava condenada a ficar passando sede por semanas. E ficaria louca.

Eu não tinha medo de morrer. Desejava morrer para encontrar os Deuses. Mas tinha um pouco de medo da loucura, pois se eu ficasse louca quem sabe esquecesse do meu objetivo mais importante.

Mas se era verdade que os loucos tinham acesso ao mundo dos espíritos, eu precisava acalmar meu coração. Elale ia me proteger. Ela tinha planos para mim. Eu só precisava confiar.

De repente, comecei a rezar para a Ceifadora. Seria tão simples se ela apenas arrancasse a minha vida!

– Ceifadora, querida, me destrói...

Eu não sabia se a Ceifadora era um Deus, um anjo, um demônio ou uma entidade de outra natureza. Tudo o que sabia era que, se ela fosse capaz de me matar, eu rezaria para ela.

Mas e se ela me matasse e me arrastasse para um mundo de dor extrema, como um inferno do espírito? Não seria igualmente terrível? Eu escaparia de um mundo de dor para cair em outro.

Os livros sagrados diziam para buscar a Ceifadora. Que somente o imortal que encontrasse a morte conquistaria a verdadeira vida, que não era daquele mundo.

Eu queria entender.

A Busca da Mortalidade

Por fim, resolvi que não escalaria aquela droga. Eu simplesmente desisti, pois a dor era tanta que eu nem conseguia pensar quando a sentia.

E o segredo não seria exatamente esse? Não pensar. Ser apenas dor.

Mas aquele era um ensinamento forte demais para eu aguentar. Por isso, resolvi explorar os arredores enquanto eu me arrastava.

Com a luz do Sol, as coisas se tornaram mais fáceis. Quanto mais passava o tempo, mais eu me curava. Perdi a noção do tempo e já não parecia tão assustador assim.

Aos poucos eu me esquecia daquela dor terrível da queda. Eu me sentia aquecida. E até um pouco orgulhosa, como diziam que eu me sentiria. Estava com espírito de aventura e por isso me arrastei com os braços pela terra, para ver o que haveria mais além.

Seria mesmo um desperdício escalar tudo de volta sem nem me dar ao trabalho de olhar que tipo de mundo eu encontraria além do Abismo. E quem sabe fosse aquela a minha jornada.

Em certo momento consegui ficar de pé. Mas eu não conseguia ir longe caminhando e logo me deitava outra vez.

Sede, muita sede. Quando encontrei um lago mais adiante, fiquei de pé e corri, mesmo coberta de dor. Enfiquei a cabeça nele e bebi.

Senti-me no céu. Rezei para todos os Deuses os quais lembrava do nome. Acho que até agradecei Deuses para os quais nunca havia me dirigido antes, pois aquela água foi como um presente vindo do paraíso.

Wanju Duli

Resolvi repousar ao lado do lago, pois pelo menos assim eu não morreria de sede. Mas eu não podia ficar ali para sempre por medo de explorar o desconhecido.

O que eu ganharia permanecendo onde eu estava, apenas porque estava confortável? Eu sabia que não morreria, mas de que adiantava uma vida protegida sem objetivos?

Por isso, tomada de coragem eu me levantei outra vez e segui adiante.

Caminhei cambaleando por longas horas. Mas não havia nada. Era tudo estranho e vazio. Apenas areia.

Anoiteceu outra vez, senti frio e me encolhi. Meu vestido estava bastante rasgado e ensanguentado. Ele não me protegia o suficiente do frio da noite.

Rezei de novo e tive novas forças. Principalmente quando encontrei uma capelinha.

Era uma estátua do Deus Elale. Aquele que às vezes chamávamos de Deus, e outras de Deusa, conforme a inspiração do momento.

Lá estava ela, linda e nua, com seus peitos, pênis e vagina. Beije os pés da estátua e derramei lágrimas nela. Eu não estava adorando a estátua em si, é óbvio, mas sim a entidade que ela representava.

Elale não vivia no mundo material e sim no mundo dos espíritos. Mas como chegar lá? Eu ainda sentia muita dor, sede, desconforto. Seria o estado ideal para me comunicar com a Deusa?

Mas daquele jeito eu não conseguia me concentrar. Eu só queria um pouco de paz, para me livrar da sensação insuportável.

Minha carne e minha mente estavam tão machucadas que eu não conseguia pensar em

A Busca da Mortalidade

espírito. Só desejei que a morte chegasse, mas é claro que não chegou. Eu era imortal. E odiei descobrir as consequências terríveis disso na própria pele.

Pensando bem, aquela queda no Abismo era um passo crucial para meu entendimento. Eu vivia dizendo que queria me encontrar com a Ceifadora, que queria morrer. Mas nunca havia pensado de verdade nas implicações disso.

Morrer era doloroso. Livrar-se do corpo doía. Mas nós, imortais, estávamos presos. Era nossa maldição: jamais conseguir ver nosso Deus face a face.

– Elale, Elale! – exclamei, chorando – por que se esconde de nós? Por que nos esconde de você?

Após viver cem anos, eu já estava cansada. Já tinha feito tudo o que queria com minha vida de carne. Agora eu só tinha sede de espírito.

Mas se isso fosse mesmo verdade, por que meu corpo tolo ainda clamava por água? Senti raiva da minha sede. Eu era fraca.

Por que não permaneci lá no meu lago, protegida? Por que não permaneci lá em cima do Abismo, no meu mundo de prazeres, onde eu já tinha minhas respostas falsas que eu fingia que eram o bastante?

Era doloroso lidar comigo mesma daquele jeito, sem máscaras.

Tomei plena consciência do quão frágil eu era. Novamente, assim como me apeguei ao lago, não quis me separar da capelinha de Elale.

Mas com um novo sopro de coragem, consegui. Se alguém havia construído aquela capela, eu poderia encontrá-lo.

Segui sem rumo na noite. Eu perdi a conta dos dias e noites. Apenas vagava, saudando os Deuses.

Wanju Duli

Em algum momento, caí de exaustão. Quando acordei, um novo Sol.

– Olá, Sol! Obrigada por me trazer luz. Tive tanto medo...!

E chorei. Mas era um choro gostoso, que me fez sentir renovada.

Eu não estava mais com pena de mim mesma. Aceitei que havia me jogado numa aventura e agora que ela tinha começado eu não olharia para trás.

Alguns permaneciam a se jogar do Abismo várias vezes, achando que o mais legal que havia ali era a adrenalina da dor. Mas não podia ser apenas isso. Tinha que haver mais. Eu sentia. E aquela capela acendeu minhas esperanças.

Encontrei uma árvore com frutos. Eu a escalei com vontade. Demorei muito para fazer isso, pois cada tentativa de escalada gerava dor nos meus músculos.

Quando finalmente consegui e enfiei as frutinhas na boca, dei um grito de alegria e gargalhei.

Nunca me senti tão viva e tão feliz na minha vida como naquele dia. Cada pequena vitória era como conquistar um novo mundo.

Permaneci em cima da árvore por um tempo, contemplando o Sol que tocava minha pele.

Nos meus primeiros cem anos, embora eu fosse imortal, era apenas um cadáver. Por fora eu tinha a imortalidade, mas por dentro sempre fui morta, pois não acendi meu espírito.

Ele estava escondido dentro de mim, esperando ser encontrado. Eis minha verdadeira jornada.

A Busca da Mortalidade

Mas no meu dia a dia era difícil encontrar o espírito. Eu vivia me distraindo com outros prazeres e nunca olhava para dentro de mim.

Agora, com meu corpo gritando e sofrendo, eu não quis mais me identificar com aquela coisa de carne que apenas sentia dor. Eu quis ser qualquer outra coisa. Então eu descobri que de fato havia outra parte dentro de mim.

Escondida, tímida, bocejando com o Sol. Eis meu pequeno espírito, que desejava um dia se tornar um grande espírito.

O mundo dos espíritos... onde estaria? Fora de mim ou dentro de mim?

Por fim, entendi que devia seguir minha caminhada. Desci da árvore, carregando o máximo de frutinhas que consegui na barra do vestido, e prossegui.

Se não tivesse seguido, eu só teria a água do lago. Nunca descobriria as frutinhas. O que mais me aguardaria lá na frente?

Um cadáver.

A noite caiu e eu chutei alguma coisa dura. Era um corpo despedaçado. Eu não consegui entender como aquela coisa de carne podia não ter vida.

Ali, bem diante de mim, havia um testemunho vivo de que era possível morrer. Eu sabia que somente através da morte era possível encontrar os Deuses.

Como foi que aquele ser conseguiu esse grande feito de morrer? Esse presente dos Deuses. Essa bênção maravilhosa.

Percebi o quanto era belo aquele corpo sem vida. Era uma garota, bem mais despedaçada que eu. Eu

mal via seu rosto, que já estava parcialmente carcomido.

Ela havia alcançado o objetivo máximo da existência. Então eu descobri que era possível morrer.

Mas será que alguém acreditaria em mim se eu contasse?

Eu me imaginei voltando para meu vilarejo e relatando para meus amigos que tinha visto com meus próprios olhos um corpo morto. Eu o havia tocado.

É claro que eles duvidariam.

– Não seja boba, Maria. É apenas uma lenda – me diriam – os livros sagrados contêm apenas metáforas. Quando eles dizem que é possível morrer, e que é preciso morrer para encontrar o espírito, não é para ser entendido de forma literal.

Mas não havia algo mais literal que aquilo. Não havia mente ou espírito ali naquela concha vazia. Só morte e morte.

Eu me separei do cadáver da garota e segui meu caminho. Rezei para que Elale me desse aquela bênção também um dia.

Quando chegou a próxima noite e o próximo dia, comecei a me questionar se aquele cadáver não foi apenas uma ilusão, uma alucinação. Afinal, eu estava com muita fome e sede. As frutinhas já tinham acabado. E meu corpo ainda não tinha sarado totalmente.

Até que eu encontrei uma caverna. Entrei nela. Seria um bom abrigo caso chovesse.

Lá eu encontrei uma mulher.

A Busca da Mortalidade

Tinha a pele um pouco mais escura que a minha. Cabelos crespos pouco abaixo dos ombros. Olhos castanhos.

Ela não vestia o branco como eu, mas uma roupa feita de pele de algum animal. Ela me olhou com curiosidade. Fez a mesma pergunta que eu queria fazer a ela:

– Quem é você?

– Meu nome é Maria. E o seu?

– Edir.

Ela me convidou a sentar-se. E eu me sentei numa pedra em frente a ela. Edir era realmente bonita.

– Onde estão os outros? – perguntei.

– Que outros?

– Meu amigo Pedro se atirou no Abismo. E uma garota chamada Bianca. Gostaria de encontrá-los.

– Esqueça-os – sugeriu-me Edir – não creio que irá reencontrá-los.

– Por que diz isso?

– Porque eles podem ter retornado. E, se não retornaram, seguiram seus próprios caminhos.

Aquele era um mundo grande. Senti-me triste em pensar que eu poderia não ver Pedro de novo. Nem Marta, meus pais e outros amigos meus.

– Pensa em voltar?

– Não sei – respondi.

– Já chegou tão longe. Por que olhar para trás?

Eu mataria a saudade dos meus velhos conhecidos. Iria me distrair com uns poucos prazeres. E cairia no tédio outra vez, sem ter minhas respostas.

Ela tinha razão. Eu não iria voltar.

– O que está procurando?

Wanju Duli

- Os Deuses.
- Qual Deus?
- Todos eles.

Edir riu.

- Eu não sabia que você era tão ambiciosa.
 - Mas se eu encontrar apenas um deles, já me darei por satisfeita. Eu preciso encontrar a Ceifadora.
 - Então você é mais uma que busca a morte.
 - Você busca outra coisa?
 - É como eu disse. Tenho meu próprio caminho.
- Fiquei calada por um momento. Para mim era óbvio que a morte era o único caminho. Por que se desviar dele?

– Você não acredita nos textos sagrados?

– Não estou interessada nisso. Eu consigo ver os Deuses na natureza.

– Mas esses são os Deuses da terra – expliquei – eu busco os Deuses do céu.

– Você quer se tornar somente espírito?

– É isso mesmo que eu busco.

– É um caminho penoso.

– Não que o seu pareça fácil – observei – que Deus você serve?

– Floresta – ela disse – venha até o fogo.

Havia uma fogueira acesa na caverna. Ela moveu as mãos e conseguiu formar entre elas uma bola de fogo.

– Bruxa! – eu gritei.

Edir gargalhou.

– Você tem medo de mim? – ela perguntou.

– Não é bem medo. Mas os textos sagrados nos dizem para não brincar com magia.

– Bobagem.

A Busca da Mortalidade

– Apenas os Deuses sabem os mistérios. Só nos resta rezar.

– Não seja fraca – disse Edir, com ferocidade – venha para cá. Pegue o fogo!

Tentei aproximar a mão da fogueira, mas o calor era demais para suportar.

– Não posso.

– E desiste assim tão fácil?

– Não é isso que eu busco – esclareci – não quero gastar minhas energias em coisas que não importam. Eu só quero a morte.

– Por que jogar sua vida fora? Ela também não é um presente dos Deuses?

– Tem razão – respondi – mas está muito pesado. Com esse monte de carne, sentimentos e pensamentos não consigo voar até o céu.

– Por que esse desprezo pelas coisas da terra? Aqui também há muito amor. Eu vou te mostrar. Siga-me.

Eu a segui. Saímos da caverna e caminhamos por mais de uma hora. Ela me levou até uma floresta.

Lá nós caminhamos por um tempo. Havia umas pequenas criaturas escondidas.

Chegamos até um ninho. Edir pegou um dos ovos.

– Este é seu.

– Obrigada. Eu estava morrendo de fome.

– Quem disse que você deve comê-lo? – ela me perguntou, aborrecida – você precisa cuidar dele. Será seu companheiro de jornada.

– Não, não – eu devolvi o ovo – que coisa ruim seria ter um companheiro quando meu destino é a morte.

Wanju Duli

– Não disse que ficaria com a criatura para sempre. Mas ela pode te levar até as nuvens.

Naquela noite eu dormi na caverna abraçada no ovo, que não era exatamente pequeno.

Pela manhã, Edir tinha saído para caçar. Quando acordei, ela estava com algum pequeno bichinho no espeto. Não identifiquei o que era.

– Esse é seu – ela me deu um dos espetos – mas não se acostume. Não vou te mimar mais que o necessário. Não sou sua mãe.

Eu comi com gosto. Fazia muito tempo que não comia algo tão bom.

– Comer carne não diminui nossa parte espiritual?

– Não exatamente – respondeu Edir – nós precisamos de um pouco de terra se pretendemos permanecer na terra. Porém, se você deseja ser só espírito terá que se livrar de todo tipo de comida.

Eu conhecia a sensação. Não foi nem um pouco agradável. Não era confortável ir sumindo. O corpo gritava.

– Você está feliz – observou Edir – então por que deseja deixar esse mundo?

– Você também está feliz – retruquei – então por que está aqui no meio do nada?

– É o sacrifício que escolhi para mim, para poder contatar os Deuses da natureza. E desenvolver poderes mágicos. É difícil, mas obtive muito em troca.

– Quanto a mim, a coisa que busco é apenas uma.

– É difícil encontrar pessoas que sabem tão fortemente aquilo que desejam como tu – falou Edir – em compensação, quem tem certeza do que quer não terá mais desculpas para não seguir adiante.

A Busca da Mortalidade

Aquilo era verdade. Era dureza saber o que eu desejava. Não ter dúvidas também era cruel: você teria que seguir adiante, não importava o quão doloroso fosse. Não abriria espaço para alternativas, porque algo mais forte que você te moveria.

Nessa próxima noite tive um sonho.

Sonhei com meu passado. Eu brincando com meus amigos na infância. Nós correndo, jogando bola, amarrando os pulsos com laços de fita. Vestidos rodados, risadas, uma vida repleta de alegrias.

E a vida continuaria assim, cheia de prazeres e novas surpresas pela eternidade. Só que aquele pensamento me sufocava. A imortalidade me era terrível. Uma prisão.

Quando acordei, o ovo estava rachando. Nem tive tempo de me sentir deprimida com meu sonho ou sentir saudades.

Uma criatura cinza clara, meio prateada, saiu do ovo. Primeiro uma cabecinha sorridente. E depois as patas e o rabo.

Havia duas asinhas minúsculas em suas costas. Parecia um dragãozinho, mas era pequeno demais e indefeso demais.

– É uma menina – descobriu Edir – você poderá nomeá-la.

– Sou terrível com nomes.

– Não importa.

Parei para pensar.

– Morte – resolvi – mas seu apelido será “Momo”.
É assim que vou te chamar.

– Macabro e gracioso ao mesmo tempo – aprovou Edir – parece apropriado.

Wanju Duli

Mas Momo não queria saber de mim. Ela chegou pertinho da fogueira e se deitou lá.

– Nasceu e já quer dormir? – perguntei – que preguiçosa!

– Não fale assim – disse Edir – é uma criatura mágica, filha dos Deuses da floresta. Ela entende o que você diz.

– É mesmo? Olá, Momo. Como se sente por ter nascido?

– Estou com fome.

Levei um susto quando Momo respondeu.

– O que ela come? – perguntei.

– Qualquer coisa: plantas, animais, insetos, até pedras.

– Então vai ser fácil. O que você quer comer, Momo?

– Sua mão.

– O quê?!

– Ah, sim, esqueci de te dizer – falou Edir – para que ela cresça saudável e te obedeça, você terá que alimentá-la com partes de você.

Edir me jogou uma faca.

– Pode ficar contigo.

– Não tem perigo de ela me devorar durante a noite? – perguntei.

– Ela será fiel. E mesmo se isso acontecesse, você não morreria. Renasceria nas fezes dela e seu corpo se reconstituiria.

– Ser imortal é realmente uma droga – suspirei.

Tomei coragem. Coloquei minha mão no chão e ergui a faca. Decepei um dos dedos e gritei.

Joguei para Momo, mas ela ainda estava com fome. Só se satisfez quando lhe dei minha mão

A Busca da Mortalidade

inteira. Se eu soubesse mais cedo, teria lhe dado o braço inteiro de uma vez, e não ir me retalhando pouco a pouco.

– Tem certeza que não quer aprender minhas magias? – perguntou Edir.

– Não mesmo – falei – o dragão comedor de gente já vai me dar bastante trabalho. Melhor eu seguir adiante. Muito obrigada.

Foi uma despedida simples. Nada de choro ou saudades. De qualquer forma, se Edir vivia naquela caverna eu sempre saberia onde encontrá-la.

Curiosamente, nos dias que se seguiram senti até mais falta de Bianca do que de Edir. Não deixava de pensar onde ela e Pedro poderiam estar.

Será que meus pais ficaram preocupados quando eu sumi? Se Pedro retornou para o vilarejo, ele certamente teria avisado meus pais sobre mim. Senão, eles estariam extremamente preocupados.

Não foi fácil ter que decepar partes do meu corpo regularmente para alimentar Momo. As partes cresciam depressa, mas o problema não era só esse. O problema maior era a dor.

Claro que era chato andar por aí sem mão e sem braço de vez em quando. Mas eu me arranjava.

Momo ia crescendo dia após dia. Já conseguia voar um pouco.

– Você sabe onde vivem os Deuses? – perguntei.

– Há vários Deuses na floresta.

– Não falo desses. Me refiro a divindades como Elale e a Ceifadora.

– Esses são os Deuses prometidos. Meio distantes da humanidade, porque são só espírito. Mas eles

também são muito poderosos. Ironicamente, são até mais próximos, porque habitam nossa alma.

– Como você sabe de tudo isso?

– Posso ter nascido recentemente, mas tenho memória de outros tempos. Aos poucos estou me lembrando.

– Ótimo! Então me leve até a Ceifadora.

– Deseja que ela te mate?

– Sim, ela precisa arrancar minha alma. É a única forma de eu perder minha imortalidade.

De repente, me lembrei de uma coisa importante. Eu tinha esquecido de perguntar a Edir sobre o cadáver que encontrei.

Contei isso para Momo. Ela apenas assentiu.

– Eu nunca vi um cadáver – disse Momo – mas pode ser que a Ceifadora tenha esse poder.

– Sabe onde encontrá-la?

Momo fez que não.

– Que tal subir em mim? – ela propôs – acho que já consigo te carregar. Assim podemos buscar umas pistas por aí.

Eu subi em Momo.

– Já pensou em fazer um regime?

Eu dei um tapa na cabeça de Momo.

– Quem vai fazer regime aqui é você se continuar a me insultar – falei – estou há dias ou semanas passando fome e ainda me vem com essa?

Foi agradável voar. Tive um pouco de medo de cair, mas eu confiava em Momo. De qualquer forma, não tinha jeito de eu morrer, mesmo que eu caísse.

A paisagem era bonita. Muito verde. Mas tudo era igual.

A Busca da Mortalidade

Eu poderia voltar para casa se quisesse, agora que eu tinha Momo. Podia pegar comida.

Não, aquilo não daria certo. Se eu passasse em casa eu tomaria um banho, faria uma refeição farta e me acomodaria. Permaneceria lá tempo demais, embriagada pelo conforto, e esqueceria meu caminho.

Por isso, mais uma vez eu não olhei para trás. Fui cegamente rumo ao desconhecido.

No fundo, o que eu mais buscava era o supremo desconhecido: a morte. Então, apenas um caminho novo não poderia me aterrorizar.

– Que é aquilo lá? – perguntei, quando passamos por uma grande construção de pedra.

– Quer ver?

Nós descemos. Encontramos a porta e, sem pedir licença, adentramos.

Tratava-se de uma enorme biblioteca. Vi altas prateleiras e livros sem fim.

– Nossa! – exclamei, deslumbrada – que saudade!

Fui checar os títulos. Eu sabia muitas línguas mas, para a minha surpresa, a maior parte dos livros estavam escritos em idiomas que eu desconhecia.

– Será a língua dos Deuses? – perguntei, curiosa.

Achei que algum dos livros poderia conter dicas que me levassem até a Ceifadora. Mas como eu iria lê-los?

Para meu alívio, apareceu um bibliotecário.

– Em que posso ajudá-la?

– Eu busco algum livro que fale da Ceifadora.

– Temos centenas deles. O que procura, especificamente?

– Quero saber onde encontrá-la.

O bibliotecário levantou uma sobrançelha.

– Em pessoa?

– Isso, em pessoa, ou em espírito. Eu preciso falar com ela.

– Eu mesmo já li a maior parte dos livros da biblioteca sobre a Ceifadora. E os livros nos dizem que ela habita a Montanha dos Burros.

– O que é a Montanha dos Burros?

– É para onde vão aqueles que buscam a morte. Só podem ser burros. Entao daí veio o nome.

Não gostei daquilo, mas ignorei-o.

– Em que direção fica essa montanha?

– Não é exatamente uma montanha. Era para ser o Pico dos Burros, mas muita gente não gostou disso. Ninguém quer saber de pico de burro.

– Isso não me interessa! Só quero saber onde fica!

Ele apontou vagamente uma direção qualquer.

– Lá! – ele disse, alegremente.

Eu e Momo voltamos os olhos na direção do dedo dele.

– Não dá para ser mais específico? – perguntei – à direita da árvore mais alta, à esquerda da árvore mais baixa...?

– Eu sou só um bibliotecário. Sugiro que peçam informações pelo caminho.

Subi em cima de Momo e partimos da biblioteca. Levamos um mapa conosco, mas até aquele mapa não parecia fazer o menor sentido.

– Vamos andar em círculos para sempre – comentei, desapontada.

– Se fizer uma oferenda para Floresta, ela pode te mostrar o caminho. Floresta é minha mãe e não irá nos deixar na mão.

A Busca da Mortalidade

Resolvi seguir o conselho. Adentramos numa mata fechada e fizemos uma oferenda para floresta.

Momo me deu as instruções. Acendi uma fogueira e joguei nela algumas folhas secas com sangue. Começou a fazer fumaça. Eu caí num sono profundo.

Uma moça bonita me visitou em sonho. Eu estava deitada em seu colo e Floresta sorria para mim gentilmente.

– Tão cansada. Tão bonita, tão jovial e já pronta para morrer?

– Olá Floresta – cumprimentei-a – essa é de fato a minha jornada. Sabe onde posso encontrar a Deusa da Morte? Ouvi dizer que era numa montanha, mas não consigo encontrar nada parecido por aqui.

– Essa montanha só te dá acesso a outro mundo. Quer ir até lá?

– Sim.

A Deusa da Floresta enterrou o braço no meu peito e arrancou meu coração. Eu desmaiei dentro do sonho.

Isso me fez cair num segundo sonho, ainda mais profundo. Mas será que eu estava mesmo sonhando?

Eu subi uma escada muito alta, que me levava até as nuvens. Em certo momento corri.

Lá em cima das nuvens havia muitos Deuses. E todos eles riam de mim.

– O que quer aqui?

– Eu vim aqui para morrer – informei.

– Ingrata! – trovejou a voz de um deles – não está satisfeita com a imortalidade que nós demos a seu povo?

Wanju Duli

– Não é isso. E não pedi por isso. Por que eu iria querer viver para sempre? Os prazeres da vida são vazios e as dores são excruciantes. Só quero me livrar disso tudo.

– Então está fugindo?

Eu me envergonhei ao pensar nisso. É claro que eu não estava fugindo. Minha jornada não era algo idiota como uma fuga.

– Eu busco a verdade – informei – e presa nesse corpo de carne jamais irei encontrá-la.

– Você acha mesmo que existe um “eu verdadeiro” por trás dos seus ossos? Esqueça isso, imortal. A sua essência é aquilo que você tem e nada mais.

– Não! – berrei – isso não pode ser. Não sou apenas corpo. Nem apenas mente. Eu sou...

A palavra não me veio à boca. Tentei dizê-la, mas só restou o silêncio.

– Não te escutei, criança.

– Onde está a Ceifadora?

– Brincando. Ela está se divertindo com idiotas como você.

– Eu quero falar com Elale!

– Ela está...

Mas eu não consegui escutar o resto. Eu despertei, respirando rápido.

– Encontrou a Deusa da Floresta? – perguntou Momo.

– Ela me enviou para o céu. Lá havia muitos Deuses arrogantes.

– Será que a arrogante aqui não é você?

Não gostei da piada.

– E daí? Isso vai me impedir de morrer?

A Busca da Mortalidade

– Sim – falou Momo – para morrer, você precisa se transformar em nada. Não é o que você quer?

– Acho que sim. Momo, siga na direção do Sol. O sonho me diz que é para lá que devemos ir.

Momo seguiu o Sol. Voava cada vez mais alto. Eu sentia que não podíamos ir mais alto que isso.

Até que o Sol nos dirigiu a palavra.

– Maria, o que deseja?

– A morte.

– Por que a morte?

– Porque a vida não faz sentido.

– Está cansada da vida? – perguntou o Sol – mesmo depois de eu me esforçar tanto para dá-la a cada um de vocês?

– Não estou cansada.

Sim, eu sentia cansaço, tédio e vazio. Mas falando assim, parecia que eu só estava procurando um brinquedo novo.

– A morte não é um brinquedo – alertou-me Sol.

– Eu sei que posso suportar – falei – tenho confiança. Não se trata de um suicídio, Sol. Eu busco o caminho do espírito, pois sei que é lá que se encontra a verdade.

– A verdade – repetiu o Sol – consegue reconhecê-la quando a encontrar?

– Eu tenho certeza.

– Vá.

Sol nos atirou longe. Um rajada de vento me separou de Momo.

Eu caí num lugar vazio. Senti-me solitária.

Não havia areia, nem grama, nem mar, nem céu. Era um vazio absoluto. Deitei-me e chorei.

Wanju Duli

Será que aquilo era a morte? Por que aquilo tudo era mais doloroso do que meu corpo despedaçado quando despenquei do Abismo?

E foi no meio daquele nada que Elale veio me encontrar. Aquela Deusa andrógina falou comigo com alegria.

– Ei, Maria. O que faz aqui tão perdida? Tão jogada para um lado?

– Sol me jogou.

– Eu sabia! – falou Elale – Sol, aquele danadinho. Como se sente?

– Profundamente entediada. E um pouco triste. É uma mistura de todas as emoções ruins do mundo, em diferentes doses.

– Coitada – falou Elale – mas por que você se esqueceu de mim?

– Eu não esqueci.

– Esqueceu sim. Você nunca está sozinha, sabia? Por que se esqueceu de rezar? Já se esqueceu como se faz?

– Não tinha certeza se você escutava quando eu rezava.

– Eu vi todas as vezes que você se ajoelhou no milho por mim – comentou Elale – eu pensei: “Coitadinha, gostaria de limpar o sangue de seus joelhos”. Mas, não, isso era importante para você. Para seu amadurecimento.

– Então valeu a pena.

– Mesmo se eu não existisse, não acha que teria valido a pena de qualquer forma?

– Sim – respondi – eu me senti protegida.

– Então, aí está – comentou Elale, satisfeito – tudo certo!

A Busca da Mortalidade

– Mas por que ainda me sinto assim?

– É porque você ainda não morreu. Acha que já fez grandes coisas, mas não fez nada. Você precisa se jogar no chão, sabe? Ainda está apenas satisfazendo a si mesma.

– Acho que entendi.

– Não entendeu nada! É quando acha que entendeu que não entendeu!

– Droga.

Tudo aquilo era muito complicado. Mas Elale era paciente.

– Posso te treinar um pouco se quiser, mas só um pouco – disse Elale – primeiro você precisa arrancar toda sua pele.

– O quê?

– Sim, toda ela. Comece!

Eu ainda tinha a faca que Edir me deu. Comecei a minha tarefa, mas era horrível ver a mim mesma em carne viva. Era difícil suportar essa visão.

– Mais um pouco, por favor.

Quando tirei toda a pele dos meus braços e do meu rosto, Elale me parou.

– Certo, está bom assim. Agora coloque a cara no chão e diga que sou o melhor.

– Elale, você é o melhor.

– Não assim. Você deve cair mais, se jogar no chão.

Afundi a cara no chão, mesmo quando doeu.

– Elale, eu te venero!! – eu gritei.

– Diga que é um lixo.

– Sou um grande lixo!

– Sou um cocô.

Eu o fitei, sem acreditar.

Wanju Duli

– Você é um cocô? – perguntei, impressionada.

– Não eu, você! – esganiçou-se ele.

– Ah, sim. Sou um cocozão! – exclamei.

– Agora lamba meus sapatos – disse Elale.

– Você não tem sapatos.

– Eu tenho sim, você que não está enxergando direito!

Lambi-lhe os sapatos e disse que ele era divino e que eu era lixo. Eu disse que eu não era nada, eu era imunda, poluída, malvada, destruidora de corações.

Continuei a repetir coisas assim por horas. Joguei-me no chão e rolei na areia, porque Elale fez areia para mim só para eu poder rolar nela.

– Sou uma porcaria, sou o ser mais vil que existe! Não tenho nada, não sou nada! Não quero ter nada, não quero ser nada!!

Por fim, desmaiei.

Quando acordei, eu estava com pele de novo. Na base de uma montanha.

Tentei me levantar, mas eu estava muito fraca.

– Com licença – perguntei para alguém que estava ali perto – por acaso essa seria a Pica da Égua?

– Não, é a Montanha dos Burros – respondeu o garoto que estava ali.

– Isso mesmo! Quem é você?

– Eu não sou ninguém – disse o garoto – sou um verme.

– Eu também – falei.

E seguimos juntos, escalando a montanha.

No caminho, ficamos tentando convencer um ao outro de que éramos um ser mais baixo e sujo.

– Sou uma montanha de erros e falhas – contei a ele – não há nada de bom em mim.

A Busca da Mortalidade

- Pois em mim não há nem mesmo um “mim”.
- Um “mim”?
- É.

Tentei ficar depressiva com aquela conversa, mas não consegui. Era difícil encontrar um “mim” no meio daquele monte de carne fedorenta e rasgada para ficar depressiva.

Enquanto subia a montanha eu não sentia absolutamente nada. Nem alegria e nem tristeza. Eu apenas queria me livrar de mim mesma.

Não bebemos e não comemos, por isso enquanto estávamos chegando ao topo tivemos que nos arrastar.

Será que eu ficaria louca antes de chegar lá em cima? Louca de dor e de sede.

Por fim, chegamos.

Ceifadora estava lá em cima, com uma foice repleta de flores de todas as cores. Ela usava um manto dourado e imponente. Um chapéu de palha.

– Oi amigos! Como vocês estão fedidos. Andaram se esfregando em cocô?

– Sim – eu respondi.

– Não – disse o garoto – eu não sou nada, então não consigo fazer nada, nem me esfregar e nem feder.

A Ceifadora pulou para cima dele e começou a chutá-lo.

– Como se atreve, seu miserável! Sou a madame Ceifadora e exijo respeito, ouviu, seu nojentto?

O garoto tocou a cara no chão e pediu desculpas.

– Mil perdões, madame suprema e soberana! A senhora é linda, sábia, maravilhosa e está na moda!

– Pode apostar que estou – disse Ceifadora, lançando sua foice para lá e para cá.

Eu e o garoto estávamos vidrados naquela foice. Quem sabe se pulássemos na foice conquistaríamos a mortalidade? Mas Ceifadora percebeu nossas intenções.

– Nã-nã-não – ela disse, como se fôssemos crianças – por que vocês querem morrer, seus bastardos?

– Eu quero buscar a verdade! – exclamei.

Ceifadora bateu com a foice na minha cabeça.

– Burra! Estúpida! Jumenta! Quem é você? Que droga de verdade é essa? Sua metidinha!

Agentei as pauladas e me meti no chão. Rolei no chão e berrei:

– Me perdoe, sagrada Ceifadora! Eu não sou nada, por favor, juro que não sou! E não quero buscar nada, só quero apodrecer e ser um inseto!

– Melhor assim – falou a Ceifadora – mas não ache que vai ser tão fácil! Morrer é muito mais complicado que isso. Vocês ainda estão cheios de desejos e orgulhos. Sumam com tudo isso!

Ela nos fitou e balançou a cabeça em desaprovação.

– Vocês não estão preparados para morrer. Ainda estão cheios de vida e vontade. A morte não é um processo instantâneo, se morre aos poucos. Eu vou ensinar como se morre, mas vocês deverão seguir minhas ordens literalmente e sem questionar.

Nós assentimos. Eu não tinha chegado tão longe para voltar atrás, por puro orgulho.

Eu queria jogar aquela porcaria de orgulho fora. Precisaria assassinar meu orgulho antes de destruir a mim mesma.

Capítulo 2: Diminuir

– A primeira tarefa de vocês será costurar um vestido para mim. Eu quero um vestido lindo e colorido, cheio de flores. Estou cansada do meu manto dourado.

– E onde nós vamos encontrar tecido? – perguntei, sem me conter.

Ceifadora me deu um tapa na cara.

– Não fale sem autorização, mocinha! E só se refira a mim por meu nome ou por títulos!

– Perdão, senhora Ceifadora – falei, ligeiramente contrariada.

– Isso é problema de vocês e não meu. Deverão me trazer um vestido pronto até o fim do dia.

Eu e o rapaz desatamos a correr.

Tivemos que descer toda a montanha outra vez e ir atrás de um tecido. E eu nem sabia costurar.

Resolvi voltar para a biblioteca. Talvez o bibliotecário pudesse me dar uma dica de onde arranjar um tecido.

– Tem uma costureira morando na cidadezinha mais próxima. Não fica muito longe daqui.

Levei duas horas à pé para chegar lá. Aquilo nem podia ser chamado de cidade. Eu conseguia contar quantas casas havia nela.

Foi bem fácil achar a costureira. Como eu não tinha dinheiro, tive que lhe pagar com serviços domésticos. Mas eu não tinha muito tempo.

Ela me deu um tecido e uma máquina de costura. Mostrou como se fazia. Costurei tudo direitinho e

acrescentei algumas flores na barra, que foi a parte mais difícil.

Depois, corri de volta para a montanha. Consegui chegar até o fim do dia. O garoto também já estava lá.

Demos a ela os vestidos. Ceifadora olhou para um e para outro.

– Foram vocês mesmos que costuraram?

Assentimos.

– Dá para notar mesmo, pois essa costura está horrrriiveeeel!

E ao dizer isso, Ceifadora gargalhou. Ficamos quietos.

Ela analisou com atenção cada vestido. Depois, jogou-os no chão.

– Não gostei. Façam outro.

– Como assim? – perguntei, zangada.

Ceifadora me deu dois tabefes na cara dessa vez.

– Você é burra ou surda?

– Burra e surda, senhora – respondi.

– Foi o que imaginei – disse a Ceifadora – pode me dizer a razão da sua irritação e insolência?

– Não estou irritada... senhora.

– Está sim! – trovejou ela – você me odeia. Que ridícula! Pensa que quer morrer e se sente ofendida ao ter seu orgulho ferido. Você pode me explicar?

Não, eu não podia. Não seria capaz.

– Eu errei, senhora – falei – sou apenas um pedaço de lixo.

– Você é menos que lixo – garantiu a Ceifadora – não sabe costurar, é mal educada e orgulhosa. Me diga para que você serve?

Eu não respondi.

A Busca da Mortalidade

– Para nada – disse a Ceifadora.

A raiva crescia dentro de mim. Lágrimas caíram dos meus olhos.

– E agora você chora – prosseguiu a Ceifadora – está repleta de pena de si mesma. Tão cheia de si! Você se acha importante?

– Não, eu não sou importante.

– Então vá me fazer outro vestido. E você também, menino idiota. Acha que não sei que também está com raiva? Mas você é covarde demais para falar qualquer coisa.

Se falávamos éramos insolentes. E se não falávamos éramos covardes. Qual seria então a nossa escolha?

A morte completa. Somente assim cessaria o falar e também o não falar.

Descemos da montanha e nos separamos.

Voltei para a mesma costureira e contei a ela que o vestido precisava ser melhor. Tive que cozinhar para ela e limpar-lhe a casa enquanto ela fazia uma rigorosa seleção de tecidos.

– Creio que esse seja bom o bastante.

Dessa vez caprichei bem mais na costura. Eu estava aprendendo. E enchi o vestido de flores.

No dia seguinte, nós dois aparecemos no topo da montanha e apresentamos vestidos de qualidade maior.

Dessa vez Ceifadora já parecia mais satisfeita.

– Está bem – ela disse – eu aceitarei essas porcarias que vocês fizeram.

Meu rosto se iluminou de alegria.

– Por que está sorrindo? – perguntou Ceifadora.

Wanju Duli

– Porque eu completei minha missão com sucesso.

Ceifadora agarrou os meus cabelos com violência e enterrou meu rosto no chão. Eu gritei.

– Você não completou nada – disse a Ceifadora – você não é nada, infeliz. E se um dia completar qualquer coisa não será com sucesso.

Ela finalmente me largou. Eu estava respirando rápido.

Mas também sentia uma adrenalina extrema. Será que eu estava gostando de ser maltratada, de ser humilhada? Eu já estava me acostumando.

Sim, eu precisava ser humilhada. Somente assim me tornaria nada.

Meu desejo era estar abaixo de todos os seres. O mais sujo. O mais vil.

– Agora eu quero que vocês ceifem o campo.

– Que campo, senhora? – perguntei.

– O caminho até aqui. Ao longo da montanha, onde tem mato alto.

– Tudo?! – perguntou o garoto, apavorado.

Ele levou um soco na cabeça.

– Mudei de ideia – disse Ceifadora – o garoto vai ceifar tudo. Você, menina, fica aqui tomando chá comigo.

Ela deu a própria foice para o rapaz e ele obedeceu sem questionar.

Ceifadora preparou um chá ali mesmo e passou para mim uma xícara fervente.

Eu estava com muita sede, então me senti aliviada. Nem liguei que a água descesse borbulhando pela minha garganta.

A Busca da Mortalidade

– Você gosta de beber – ela observou – então por que quer morrer, se é tão apegada assim às coisas da carne?

– Não posso evitar, senhora. É instinto de sobrevivência.

– Não é capaz de controlar a si mesma?

Fiz que não.

Ceifadora pegou um prato cheio de arroz e vegetais.

– Quer?

Fiquei sem fala. É claro que eu queria. Comida! O quanto ansiei por isso.

– Estou morta de fome, mas só comerei se a senhora permitir.

Ela jogou o prato no chão, que se quebrou. A comida se espalhou e se misturou com a areia.

– Sim, eu ordeno que coma – disse Ceifadora – tudo. Não quero que reste nada no chão.

Sem escolha, ajoelhei-me e comecei a lambar o chão, tentando superar o nojo que eu sentia. Apenas obedeci sem pensar.

Naquele momento recordei-me da minha casa.

Minha mãe. Meu pai. Nós cozinhando juntos coisas gostosas, rindo, felizes. Eu poderia retornar a essa realidade alegre que sempre tive.

Eu não precisaria mais ser humilhada. Não precisaria mais passar fome, sede e sofrimento.

Só que eu não podia voltar, pois eu sabia o que devia ser feito.

Se eu voltasse para casa, eu ficaria aliviada no começo. Mas logo me recordaria do objetivo supremo da minha existência: alcançar o espírito.

Wanju Duli

Não havia nada de errado em aproveitar os prazeres da carne. Mas aquilo tomava muito tempo, me distraía. Eu ficaria preguiçosa, embriagada nos prazeres dos sentidos e acabaria por esquecer minha busca, deixar para lá e me convencer de que ela não era importante.

Mas eu não podia! Era a coisa mais importante da minha vida. Não importava que eu estivesse sofrendo. E a dor extrema do meu corpo não era nada comparada àquela humilhação horrível.

Por que eu tinha que lamber o chão diante da Ceifadora? Por que precisava lamber as botas de Elale?

Porque somente com a destruição completa de tudo aquilo que eu era, eu poderia encontrar meu espírito perdido.

Meu espírito estava escondido em meio à minha parede de orgulho.

Quando terminei de comer, tossi. E acabei vomitando depois.

– Por que vomitou? – perguntou Ceifadora – lamba seu vômito. Agora.

Tive que obedecer.

Eu estava suando. Era nojento, doloroso, tanto para o corpo quanto para a mente.

Queria desistir. Queria que aquilo tudo acabasse.

Eu queria estar cortando grama com o garoto! Ele devia estar suando e sofrendo no Sol. Mas qualquer coisa era melhor que aquele tipo de sofrimento.

Achei que eu tive sorte, mas eu estava errada. Eu jamais podia contar com algo incerto como sorte.

Eu me segurei para não vomitar outra vez.

A Busca da Mortalidade

– Muito bem – disse Ceifadora – agora me diga porque quer morrer.

– Porque não há mais nada a ser feito.

– Você acha que sua resposta está certa?

– Não sei se está certa, senhora, mas foi o que consegui pensar.

– Tem certeza?

– Eu desejo buscar a...

Quase falei “verdade” mas mordi a língua. Eu não podia desejar nada. Eu devia desaparecer.

– Me diga suas qualidades – falou Ceifadora.

– Nada.

– Me diga seus defeitos.

– Todos.

– Que acha de mim?

– A maravilhosa soberana.

– E que me diz de você?

– Uma bosta frita.

– Você comeria suas próprias fezes se eu mandasse?

Naquele momento me atirei de joelhos no chão.

– Por favor, tenha piedade.

– E se eu não quiser?

– Por favor, tenha piedade.

Devo ter repetido isso umas cinquenta vezes, sofrendo e chorando.

Ceifadora foi até a minha direção e me deu três tapas na cara.

– Por que chora tanto, idiota? Você ainda está com pena desse seu resto podre de identidade que ainda guarda dentro de si?

– Não, senhora. É somente instinto...

Wanju Duli

– Não é. É autocomiseração pura. Acabe com isso!

Engoli as lágrimas. Fechei os olhos e baixei a cabeça.

– Sim, senhora.

– Assim está melhor.

Somente depois de tudo aquilo, o garoto voltou.

– E então?

– Cumpri meu objetivo, mestra.

– Eu vou verificar pessoalmente.

E Ceifadora desceu a montanha. Enquanto isso, eu e o garoto nos sentamos, aliviados.

– Você parece quase morto – observei.

Ele estava cheio de queimaduras nas costas e no pescoço. Suado, molhado como água. Até os cabelos estavam molhados.

– Você também não parece bem.

– Tive que comer meu próprio vômito com areia – expliquei.

– E eu achei que fosse perder as mãos.

As mãos dele estavam repletas de cortes, como se fossem papel picotado. Estavam vermelhas.

Ele era negro e usava um manto branco todo amarrotado e com manchas de sangue. Foi então que o reconheci.

– Pedro?

– O quê? É você, Maria?

Nós nos abraçamos.

– Como não nos reconhecemos antes? – perguntei – que loucura!

– Você está bem diferente – disse Pedro – mais magra, mais suja e mais... horrível. Com todo o respeito.

A Busca da Mortalidade

– Igualmente – eu disse a ele.

Eu me sentia orgulhosa por ter chegado tão longe. Mas eu me repreendi por meu orgulho.

– Não aguento mais – falei – eu preciso parar.

– Eu também.

Estávamos realmente à beira da morte e da loucura. Senti que eu iria morrer de qualquer forma, de exaustão e desespero, mesmo se não fizesse mais nada a partir dali.

Quando Ceifadora voltou, levantamos e nos endireitamos.

– Está decente – disse a Ceifadora – vou deixar passar seus erros. Olhem só para vocês. Estão acabados. E se sentem felizes?

Não dissemos nada.

– É claro que estão alegres – ela prosseguiu – vieram aqui para morrer. Eu estou ensinando como se morre pouco a pouco. Não é assim, dar-lhes um alívio como ir ao banheiro. Vocês deverão aprender a destruir a si mesmos com dor.

Duvidei da minha capacidade de suportar. Quanto tempo mais aquilo iria durar?

– Anos – respondeu Ceifadora, tranquilamente – vocês são imortais. Qual é a diferença? O que acham de a cada dia realizarem uma missão diferente para mim pelos próximos cem anos?

Eu não era capaz de falar mais. Perdi a capacidade de falar.

Achei que no máximo em poucos dias concluiríamos nossa tarefa e receberíamos a bênção da morte. Então por que ela iria nos torturar daquele jeito?

– Não viemos aqui para sermos torturados, senhora – falei – viemos aqui para morrer.

– Darei a vocês duas escolhas. A primeira é me servirem por mais cem anos. Após esse período, necessariamente morrerão. A segunda alternativa é que sejam capazes de me matar. Se vocês me matarem, arrancarei suas almas e os levarei junto comigo. Eu prometo.

– Então se te matarmos hoje também morreremos, mestra Ceifadora? – perguntou Pedro, esperançoso.

– Exato. Querem tentar?

Mas como faríamos aquilo? Eu não tinha a menor ideia. Eu não tinha força e nunca treinei artes marciais. Imaginei que o caso de Pedro era o mesmo.

– Eu irei treinar – decidi – e um dia voltarei aqui para te matar.

– Eu continuarei aqui para te servir – decidi Pedro – e treinarei no meu tempo vago. Com isso assegurarei a minha morte, antes ou depois.

Não achei que era uma boa escolha. Servir Ceifadora iria atrasar ou praticamente destruir o treinamento. Ela tomava praticamente todo o nosso tempo.

– Se eu estiver sempre ao lado dela, descobrirei suas fraquezas – Pedro me explicou – é realmente a melhor escolha.

Mas eu não gostei dessa escolha, pois depois de tanto sofrimento eu queria o mínimo de paz e descanso.

Por isso eu descí a montanha, me convencendo que eu não tinha desistido.

Resolvi retornar para a caverna de Edir. Quando a reencontrei, ela perguntou:

A Busca da Mortalidade

– Onde está Momo?

– Eu a perdi pelo caminho. Desculpe.

Edir suspirou fundo.

– Você é descuidada.

– Elale nos soprou longe!

– Você se encontrou com Elale?

– Sim. E não foi o encontro glorioso que imaginei.

Mesmo assim, eu continuava rezando para ele, por força de hábito.

– E por que voltou?

– Encontrei a Ceifadora. Só irei receber a morte se eu a matar. Então vim aqui para você me treinar.

– Finalmente se interessou por magia, hã?

Achei que somente a busca da morte importava e mais nada. Nunca imaginei que para conquistar a morte eu precisaria de outras cartas na manga.

– Acho que, em primeiro lugar, você precisa recuperar Momo. E se ela estiver sozinha e machucada? Já pensou nisso? Ou você se importa apenas com sua própria morte?

Convencida, resolvi partir numa busca por Momo. Mas não foi fácil.

Ela não parecia estar em lugar algum. Então eu resolvi fazer uma nova oferenda no fogo para a Deusa da floresta: flores com meu sangue.

Entrei em transe. Floresta veio falar comigo, com seu imponente vestido verde e cabelos caprichosamente arrumados.

– Por que perdeu minha filha?

– Peço que me ajude a reencontrá-la, por favor! – exclamei.

Floresta fechou os olhos e fez algum tipo de magia. Quando os abriu de novo, contou para mim:

Wanju Duli

– Momo está com Elale.

– Tem como me levar até ela?

– Esse é um caminho que você deverá percorrer sozinha.

Depois de muito procurar, achei a velha capelinha. Ajoelhei-me diante dela e chorei para que Elale aparecesse.

– Elale, vem para mim! Elale, querida Elale, maravilhosa rainha!

Mas ela não veio.

Tive que rezar por vários dias, ajoelhada. Não saí do lugar. Eu me urinei ali mesmo, apenas rezando, suando, sofrendo.

Até que, após três dias, ouvi uma voz impaciente ao meu lado.

– Ora, está bem, está bem! Pare de mijar e chorar! Já estou aqui.

Elale parecia meio emburrado, mas veio! Eu agradei e beijei seus sapatos.

– Desde quando está assim tão humilhadinha? – perguntou ele, maravilhado – quando te conheci, você era bem mais orgulhosa.

– Ceifadora...

– Ah, é claro, aquela megera. Ela já fez vocês saírem correndo nus arrastando pedras pesadas?

– Não... – falei, subitamente feliz por ter sumido de lá.

Elale cruzou os braços.

– Pois é. Maria, você tem que entender que nós somos Deuses. E que há uma hierarquia.

– Que hierarquia é essa? – perguntei.

– Vocês comem animais, certo? – ele disse – e nós comemos humanos. É assim que funciona.

A Busca da Mortalidade

– Mas por que não comem a nós, imortais?

– Porque no passado remoto vocês choraram tanto pedindo por imortalidade que acabamos por atender ao desejo de vocês. Mas vocês não pararam de chorar nunca. Aí está você agora pedindo mortalidade. O que eu faço com você, hein?

– Me devore! – falei, maravilhada – coma minha alma todinha!

Eu falei isso puxando as vestes dele. Elale se desvencilhou de mim e pigarreou.

– Não quero. Vocês, imortais, possuem gosto ruim.

– Mas...

– Não quero saber. Apenas siga a hierarquia. Os humanos devem adorar aos Deuses. Por que são tão orgulhosos?

– E quem vocês adoram?

– Nós temos nossa própria hierarquia entre nós.

– E quem é o Deus supremo? – perguntei.

– Bem... de vez em quando há duelos para decidir isso. No momento, o Deus supremo é El.

– Posso falar com ele?

– Não, esqueça isso, ele é muito ocupado.

– Eu preciso derrotar Ceifadora – insisti – eu só quero morrer, é muito simples. Quem pode me ajudar nisso?

– Nós só matamos Deuses em duelos formais. Eu não vou me meter nisso. A não ser que você escolha falar com um pessoal que não gosta de seguir as regras.

– Os demônios? – perguntei, incerta – eu corro risco de cair no inferno?

Wanju Duli

– Eu não diria isso. Você rezou direitinho para mim ao longo da sua vida, então não se preocupe. Quando morrer darei um jeito de colocar sua alma num lugar legal, cheio de força espiritual, já que é o que você busca: espírito e não corpo.

– Isso!

– Pois bem. Eu te recomendo dois sujeitos. Aqui está o telefone deles.

Estava escrito num papel “Anjo da Luz” e no outro “Anjo da Morte”.

– Os anjos são menos poderosos que nós, Deuses – explicou Elale – mas eu diria que com um aliado desses você terá muito mais chance de matar a Ceifadora.

– Quem são esses caras?

– O Anjo da Luz era o anjo mais poderoso de El, mas ele caiu. Atualmente, o Anjo da Morte é o mais poderoso.

– Entendi – falei – então primeiro vou falar com esse tal Anjo da Morte. Onde tem telefone por aqui?

– Ali naquela árvore.

Fui até a árvore e fiz minha ligação. Eu não achei nada estranho haver telefones em árvores. A tecnologia do meu vilarejo não era lá muita avançada, mas embaixo do Abismo havia certas regalias.

O sujeito demorou para atender.

– Alôoouuu? – ele respondeu, com uma voz remota.

– Oi, Anjo da Morte! Aqui quem fala é Maria.

– A Virgem?

– Não, acho que você se enganou. É só Maria mesmo.

A Busca da Mortalidade

– Você é só uma Maria qualquer? Onde conseguiu esse telefone?

– Elale me deu.

– Aquele filho da puta. E então, menina, o que você quer? Diga logo, porque eu sou muito ocupado, tá ligado?

– Eu preciso matar a Ceifadora. Tem como vir me ajudar?

– Escute aqui. Eu sou o secretário de El. Atualmente ele é o Deus supremo. Eu preciso assegurar que possamos ganhar as próximas eleições.

– Se você tiver meu voto, pode vir me ajudar?

– Acha que pode me subornar? Eu sou o Anjo do Senhor! Não se atreva a me ligar de novo. Até nunca mais, cadela.

E ele desligou.

– O Anjo da Morte desligou na minha cara – comentei, tristemente – você acha que se eu o enfurecer bastante ele me mata?

– De jeito nenhum – garantiu Elale – os anjos estão proibidos de matar os humanos. Se ele te matar, cai no inferno.

– Está certo. Mas esse Anjo da Luz já caiu mesmo, então acho que ele não vai se incomodar.

Liguei para ele.

– Quem fala?

– Aqui é a Maria.

– A Virgem?

– Nããuumm, mas que coisa! Sou Maria Maria, sem sobrenome. Sou uma camponesa, não tenho coisas pomposas como sobrenomes ou nomes compostos.

Wanju Duli

– E a que devo essa honra? Você é humana, certo?

– Certíssimo! O negócio é que eu sou imortal e desejo dar uma morrida.

– Continue.

– Se eu matar a Ceifadora ganharei a bênção da morte.

– Certo. E daí?

– Pode me ajudar a matá-la?

Silêncio do outro lado da linha.

– Como conseguiu esse telefone?

– Elale me deu.

– Que corno! Mas me diga, o que eu ganho com isso?

– Se me ajudar a matar a donzela?

– Isso, isso!

– Não sei. Sou pobre.

– Tem como me dar sua alma?

– Mas aí destrói o objetivo da coisa toda. Eu quero morrer para poder sentir os poderes espirituais do outro mundo.

– Que coisa mais simplória.

Bem, não era exatamente por isso que eu queria morrer. Era para atingir o objetivo da vida, ou da morte, ou algo do tipo.

– Estou em busca da verdade – esclareci.

– Hmmmm.

– Pode me mostrar a verdade?

– Eu não mostro de graça. Só vendo.

– Quanto custa?

– Já disse, sua alma.

– Não, obrigada.

– Merda.

A Busca da Mortalidade

E ele desligou.

– Elale, que dois grandes babacas você me arranjou.

– Desculpe.

– Que desculpa que nada! Agora você vai me ajudar para se desculpar.

– Eu já te falei sobre hierarquia... ai, ai, para de puxar a minha orelha! Tá bom, tá bom, eu vou...

No caminho eu fui reclamando. Tinha muita coisa para tirar da garganta.

– Eu fiz tudo que vocês queriam! Lamber sapatos e vômitos, rolar no chão, dizer “sim, senhor, senhora, meu rei, minha rainha, meu bonzão” e depois de tudo saio de mãos vazias? Não mesmo!

– Você não aprendeu nada, Maria. O objetivo disso tudo era não querer mais nada.

– Eu só quero a morte, depois mais nada!

– Você ainda não está preparada para morrer – garantiu Elale.

– Vamos esquecer isso por enquanto, sim? – falei – já rezei para você por cem anos e quero meus créditos.

Subimos a montanha. Quando chegamos lá em cima, encontramos não somente Ceifadora e Pedro, mas também Momo.

– Minha querida!

Abracei Momo. Enquanto eu fazia isso, ela me deu uma dentada na mão e a decepou.

– Por que fez isso, droga? – perguntei.

Mas ela apenas mastigou e sorriu.

– Preciso de energia espiritual para lutar – explicou Momo.

Wanju Duli

– Mas que raios? – perguntou Ceifadora, zangada – marcaram uma festa hoje na minha montanha e eu não sabia?

– Bom dia... Cei, Fafá, Dora, como prefere que eu lhe chame? – perguntou Elale.

– Eu prefiro que você não me chame, se me faz o favor – disse Ceifadora.

– Mas você está tão bela hoje! Onde conseguiu esse vestido florido tão lindo?

Elale aproximou-se de Ceifadora, abraçou-a e deu-lhe um beijo na boca. Ceifadora aproveitou o momento para vomitar na boca de Elale.

– Isso foi meio inesperado – confessou Elale – mas perdidamente sexy.

– Eu tenho créditos de reza, senhor. Não os estou usando para isso! – observei.

– Calma, calma – disse Elale – vamos tomar um chá.

Todos nos sentamos e bebemos aquele chá horroroso.

– O que conta da vida, Dora? – perguntou Elale.

– É melhor você sumir com esses dois lixos – falou Ceifadora – eles não param de me incomodar.

– Eles são crianças, querida! Só querem morrer.

– Então que se atirem do Abismo mil vezes, como fazem os outros!

– Isso é diferente – explicou Elale – são os masoquistas, não os suicidas.

– Eu não sou suicida! – protestei – tenho uma intenção espiritual legítima por trás do meu desejo.

– E acha que isso muda alguma coisa? – perguntou Ceifadora – morte é morte.

A Busca da Mortalidade

No segundo seguinte, Ceifadora estava vomitando sangue.

– O que colocou nesse chá, desgraçado?! – berrou Ceifadora.

– Só algumas toneladas de venenos sortidos – explicou Elale, com naturalidade – também bebi um pouco para ver o que acontecia...

Elale cuspiu sua cota de sangue, com um grande sorriso satisfeito. Eu e Pedro também vomitamos sangue. Momo, que tinha lambido algumas gotas de chá no chão, também deu umas cuspidinhas vermelhas.

– Há, há, há! – exclamou Elale, dançando e cuspidando sangue para o alto, como um chafariz.

Ceifadora segurou-lhe pela gola da camisa e socou-lhe a cara. Elale caiu no chão alegremente.

Mas é claro que aquele sangue de nada não ia matar imortais como eu e Pedro. Provavelmente não mataria Deuses tampouco. Elale devia ter preparado a coisa toda apenas como um presente de visita.

Ceifadora agarrou sua foice e tentou cortar a cabeça de Elale. Ela errou e a cabeça que voou foi a de Pedro.

Mas decepar cabeças não nos matava tampouco. Se fosse fácil assim, já teríamos morrido há muito tempo.

Ceifadora invocou um trovão e um raio atingiu o corpo de Elale. E Elale apenas gargalhava.

Levantou do chão como se fosse um zumbi, sem apoiar as mãos. Apenas cambaleou para frente e para trás.

Depois deu um sorriso maníaco e derrubou a montanha toda abaixo.

Wanju Duli

Por sorte, eu subi em Momo antes que fosse soterrada. Levei junto a cabeça de Pedro, que ainda estava praguejando.

– Não vai adiantar nada sermos despedaçados – expliquei – enquanto a alma continuar dentro de nós será inútil.

Sugeri que Momo nos levasse para a biblioteca enquanto aguardávamos a luta dos dois Deuses ser concluída.

– Você de novo? – perguntou o bibliotecário, enfurecido.

– Será que não tem nenhum livro nessa biblioteca que ensine como morrer? – perguntei.

– Sim, nós temos, mas estão emprestados.

– Emprestados para quem?

Peguei o endereço. Subi em Momo, ainda levando a cabeça de Pedro, e fui visitar essa pessoa. Para a minha surpresa, ela morava na mesma cidade que a costureira.

Entrei numa das casas.

– Bianca! – exclamei.

Era a misteriosa garota negra. Ela me mostrou uns dez livros sobre morte. Então ela não era apenas uma masoquista. Buscava, como eu, a morte sagrada.

– Descobri algo incrível – contou Bianca, empolgada – você precisa ver isso!

Ela me levou pela mão. A cabeça de Pedro, que estava em cima da mesa, perguntou:

– E eu?

– Você fica aí esperando seu corpo se regenerar. Depois eu volto para te contar o que aconteceu.

– Droga.

A Busca da Mortalidade

Agora sim, essa próxima jornada seria muito mais divertida.

Capítulo 3: Desaparecer

Seguimos por um caminho lamacento. Eu não sabia para onde ela estava me levando.

– Me conte o que descobriu nos livros – pedi.

– Achei muitas coisas, umas mais úteis que outras – explicou Bianca – mas foi a combinação de todas elas que me levou a uma resposta.

– E essa resposta está aqui.

– Por aqui. Um pouco mais adiante.

Aceitei. Decidi confiar. Que mais eu poderia ter feito?

De certa forma, era reconfortante saber que eu não estava sozinha naquela jornada. Ao mesmo tempo, minha jornada interior era algo que eu só seria capaz de percorrer por mim mesma.

Depois de caminharmos por longas horas, Bianca parou.

– Vamos descansar por essa noite.

Ela montou uma fogueira. Levávamos conosco água, pães e cobertores. Por isso, por mais que meus pés estivessem cheios de lama e eu me incomodasse com os mosquitos, aquela foi, sem dúvida, uma de minhas noites mais confortáveis.

Olhar para o fogo era sempre algo mágico. Eu não conseguia deixar de pensar em nossos ancestrais remotos, olhando para o fogo e imaginando lá dentro um monte de Deuses: havia Deuses no fogo, no céu e no Sol.

A Busca da Mortalidade

Até que um dia descobrimos que aquilo não era somente imaginação, não era pura fantasia. Os Deuses eram realmente reais e incriados.

Havia Deuses antigos, que existiam muito antes da criação dos seres humanos. Alguns Deuses simplesmente não se importavam com a humanidade. Tinham outros afazeres. Eu li isso em livros, muito tempo atrás.

Lembro que eu gostava de pensar: o que será que esses Deuses estão fazendo? Talvez os seres humanos não sejam assim tão importantes. Há Deuses que não se importam conosco. E é importante lembrar disso, pois assim não nos tornamos tão arrogantes.

Existem outros seres em outros mundos além de nós. Imagine só pensar que apenas o nosso mundo material, nós humanos e aquilo que nós vemos é real! É definitivamente o cúmulo da vaidade.

Nós não éramos assim tão incríveis, tão inteligentes. Havia outros mundos além do mundo material. Outros seres que não eram feitos de carne e sangue.

Eu valorizava meu mundo. Mas olhar somente para a existência da matéria seria como ler apenas poucas páginas de uma história muito maior. Se eu queria entender o sentido da vida, precisava estar disposta a ler mais páginas do livro.

Nesse livro não havia apenas humanos e matéria. Havia uma infinidade de seres, de Deuses, de criaturas espirituais.

Eu não esperava ser assim tão inteligente para entender algo como o sentido da vida. Mas sabia que havia esses seres espirituais que sabiam mais que nós.

É difícil admitir que alguém pode saber mais. Mas admitir aquilo fazia parte da minha jornada.

Eu precisava diminuir a mim mesma. Era necessário tornar-me pequena para alcançar a morte. Afinal, a morte do corpo levaria à descoberta do espírito.

É claro que eu também podia sentir o espírito com meu corpo. Mas no dia a dia eu me afogava tanto com as maravilhas que a matéria pode fazer que esquecia que havia algo maior movendo meu corpo de carne: o Grande Marionetista.

Mesmo assim, eu tinha vontade. Podia fazer escolhas. E a minha escolha era decidir não me afogar. Eu queria emergir da água e olhar para o Sol. Descobrir que eu também seria capaz de respirar o ar feito de espírito, mesmo sem corpo e sem pele.

Aquilo era um ensinamento difícil. Doloroso. Eu decidi aceitar a dor.

Abracei o meu corpo e meu cobertor. O fogo ainda estava lá, grandioso. Como alguém, ao olhar o fogo, podia dizer que aquilo era matéria pura? Aquele elemento estava repleto de Deuses e mundos.

Bianca levantou-se com o nascer do Sol e me acordou. Estar ali, na natureza pura, ainda mais pura que meu lindo vilarejo, me fazia maravilhar com a existência do Sol e do fogo.

A fogueira já havia consumido a si própria. O Sol vermelho no horizonte me encheu de alegria.

– Vem comigo – disse Bianca.

Dessa vez aceitei sua mão. Eu não a havia aceitado no dia em que ela me convidou para pular do Abismo. Afinal, eu ainda havia deixado coisas para trás e não queria seguir adiante.

A Busca da Mortalidade

Crescer. Eu estava com cem anos, mas muito apegada às coisas do mundo. Se eu aceitasse apenas contemplar o Sol, eu descobriria que não precisava de mais nada.

Deus Sol falou comigo, naqueles breves instantes entre o sono e a vigília, quando eu ainda despertava.

– Bom dia, Maria. Você está finalmente acordando.

– Sim – eu respondi – meu espírito estava adormecido. Acordar é desconfortável, mas eu aprendi a aceitar essa dor.

É claro que era mais cômodo permanecer a dormir para sempre, como eu sempre tinha feito no meu vilarejo.

Agora eu aceitava acordar com o Sol e ver seu espetáculo. Eu não havia dormido horas suficientes, mas aquilo não importava. Eu não estava vivendo para servir meu corpo. Meu corpo sim, que deveria servir meu espírito.

Eu estava aprendendo isso aos poucos. Antes eu sentia angústia quando dormia apenas umas três ou quatro horas e sentia muito sono ao longo do dia. Sentia agonia quando comia uma vez ao dia, ou nem comia.

Foi somente então que eu aprendi: aquelas coisas não importavam! Meus pés lamacentos, meu sono desregulado, os prazeres do estômago. Ao contrário, eu ficava mais alerta quando sentia dor.

É claro que eu tinha meu limite. Eu não precisava me destruir a ponto de buscar a loucura. Mas eu tampouco devia ceder aos caprichos do meu sono e da minha fome todas as vezes. Era precisava arranjar um equilíbrio: nem se apegar ao prazer e nem a dor.

Não queria ser como Pedro e me viciar a decepar partes do meu corpo ou a fazer jejuns intensos demais, pois isso também pode se tornar uma espécie de vício. Eu aprendi a aceitar a dor quando ela vinha. Eu não precisava provocar dor por vontade própria, mas aprender com ela e aceitá-la com serenidade quando ela chegava, em vez de desejar que as coisas fossem diferentes.

Caminhei ao lado de Bianca e me senti em paz.

Naquele exato instante, eu sentia como se tivesse atingido o perfeito equilíbrio do mundo: tinha dormido exatamente cinco horas e pareceu perfeito. Não precisava de mais. Tinha comido meio pão à noite e meio pão pela manhã. Um copo d'água. Eu não precisava de mais nada. O corpo era simples assim.

É claro que no início era insuportável. Parecia que íamos enlouquecer. Nos primeiros meses daquela jornada, eu senti que eu jamais aguentaria. Quis desistir de tudo.

Até que minha mente entendeu. Meu corpo entendeu. E eles domaram um ao outro, tendo o espírito como seu mestre.

Eu não estava preparada. Ainda era uma criança. Mas aquele pequeno entendimento já significou o mundo.

Quantas horas de caminhada! Aquilo não tinha fim. Os mosquitos, o pântano, o desconforto, o nojo. Mas eu simplesmente aceitei tudo isso.

Até que chegamos num local particularmente nojento. Havia uma grade rocha. O fim do pântano.

– É aqui – informou Bianca.

A Busca da Mortalidade

Por um lado, me senti aliviada por não ter que caminhar mais. Por outro, senti que se fosse realmente necessário eu ainda aguentaria umas dez horas de caminhada.

Prestei atenção no que estava acontecendo. Aquele lugar parecia tomado de espíritos.

Até que um dos espíritos se elevou. Um ser totalmente espiritual surgiu da rocha e colocou-se diante de nós.

Senti um pouco de medo, mas Bianca me tranquilizou.

– É o Fantasma Sagrado.

– Nunca ouvi falar – observei.

– É a parte espiritual dentro de nós – disse Bianca – os Deuses estão fora de nós e a alma está dentro, que é o reflexo dos Deuses.

– É o coração? – perguntei.

– Mais que isso. Não é somente amor. É o que se eleva acima do amor.

– Eu não sabia que havia algo assim.

– Boa tarde, senhoritas. Vejo que me encontraram – disse o fantasma.

– Estava meio escondido – disse Bianca – mas nós fomos persistentes.

– Se chegaram tão longe, é porque possuem algum forte desejo – disse o fantasma – mas não é necessário que digam. Eu mesmo irei ler suas almas. Se me permitem...

Senti algo extraordinário.

Eu estava leve. Senti que voava. Até que me senti muito pesada e caí. Mas não foi uma sensação ruim. Era algo necessário.

Wanju Duli

– Ela está pronta – o fantasma apontou para Bianca – mas você não está. Terá que ficar mais um pouco. Bianca, vá em paz. Você, Maria, fique comigo.

Bianca fez uma reverência, despediu-se brevemente e partiu.

Pensei em gritar: “Por favor, Bianca, não me deixe! Não me abandone aqui nesse fim de mundo!” mas a voz não saiu.

E eu não me sentia mais sozinha. Se precisava mesmo permanecer, eu ficaria.

– O que fez a ela? – perguntei.

– Eu a matei – respondeu o fantasma – ou seria mais correto dizer: ela matou a si mesma, pois abriu seu coração para mim. Mas você ainda não está preparada. Entende o que quero dizer?

– Não entendo, mas, estranhamente, aceito isso.

Naquela noite dormi na frente da pedra.

O pão e a água tinham terminado, mas não senti que eles eram necessários. Nem fiz uma fogueira.

Precisava encarar sozinha o meu próprio terror, desprovida de luz. Se eu passasse por aquela prova, seria capaz de aguentar qualquer coisa.

Aquela foi a minha pior noite.

Todos os fantasmas do pântano vieram para assombrar meus pesadelos. E eles se chocaram com os fantasmas que sempre carreguei dentro de mim. Houve uma grande guerra.

Eu suei e gritei durante a noite. Sentia muita dor, mas era muito mais poderoso que qualquer dor física.

Não me senti assim no dia em que me esborrachei nas pedras ao pular do Abismo. Aquela dor do corpo

A Busca da Mortalidade

quase me gerou um prazer, de tão forte, pois minha mente quase se apagou.

Mas a dor dos meus sentimentos me preenchia. Eu estava completamente alerta. Queria me livrar do momento presente, mas não havia uma só distração.

Estava lá, respirando, transpirando, sentindo não a dor do corpo, mas a dor da mente e da alma, que até me fizeram esquecer que eu possuía carne.

Aquilo me rasgava, me dilacerava. Berrei e chorei.

Um dia me julguei tão forte. Pensei que eu poderia aguentar qualquer coisa.

Despertei no meio da noite e alcancei uma pedra pontiaguda, com as mãos trêmulas. Com aquela pedra arranhei completamente meus braços até que eles sangrassem e pingassem sangue.

Com aquilo senti um imenso alívio. Somente a dor do meu corpo era capaz de me fazer esquecer a dor do meu coração.

Foi um alívio temporário. Logo os fantasmas voltaram e senti uma forte pressão na testa. Uma dor de cabeça insuportável. Mas aquela dor não era nada perto do terror que eu sentia.

A noite caiu sobre mim. Eu não sabia se estava de olhos abertos ou fechados e aquilo não fazia diferença, pois era tudo noite, madrugada, escuridão perpétua.

“Por favor, pare. Eu não aguento...”

Até que parei de gritar e tudo sumiu.

Não sabia onde estava minha mente ou meu corpo. Não estava mais consciente de mim mesma.

Os fantasmas foram se afastando um a um. Sumiu a dor. Sumiu o prazer.

Houve apenas a névoa.

Senti como se fosse carregada pelos Deuses. Ao mesmo tempo, onde eu estava? Perdi a noção de tempo e espaço.

O tempo parou. O relógio congelou. Meu corpo estava rígido, mas não havia corpo. Ele se tornou tudo, ou nada. Fundiu-se com a areia lamacenta, com os fantasmas, ou qualquer coisa que um dia existiu ou parecia existir. Aquilo tudo era apenas uma memória distante, esquecida.

Eu não era mais ser, pois não havia espaço. O próprio tempo se perdeu, por isso eu não soube se fiquei naquele estado por longas horas ou por dias.

Aquilo não importava. Mais nada importava.

Pensei que eu havia me libertado da dor para sempre. Mas eu não fui lá para me livrar do sofrimento. Eu não me importava com dor. Queria apenas a verdade, mesmo que a dor viesse com ela.

Se a verdade me causasse um sofrimento muito pior do que a vida, ainda assim eu iria preferir uma verdade horrível do que uma bela mentira.

Então, a dor voltou. De verdade, em escala total. Porque eu a aceitei. Eu não quis mais fugir dela.

Eu resolvi abrir mão de tudo.

Abro mão da felicidade.

Abro mão da liberdade.

Abro mão de tudo que sou e de tudo que conheço.

Só desejo completar minha jornada. E não desejar mais nada.

Queria cumprir o meu dever. A razão suprema da minha existência. Mesmo que eu descobrisse que a meta da minha vida fosse suja, sofrida e quase insuportável.

A Busca da Mortalidade

Apenas aceitei tudo.

Aceitei os fantasmas que devoraram minha pele, minha carne e meus ossos. Foi somente quando perdi tudo e deixei tudo para trás que senti o meu espírito.

Não quis mais prazer e alegria. Não quis nem mesmo ser livre. Aceitei o inferno. Uma eternidade de inferno.

Quando abri os olhos, não vi mais o mundo. Era como se eu tivesse ficado cega.

Apalpei meus arredores, sem saber onde estava, o que eu era e o que sentia. Quando senti a grande rocha, eu a abracei e chorei.

– Maria, isso é só o começo – ouvi a voz do Fantasma Sagrado – você está momentaneamente cega. Esse é seu primeiro presente, mas não tema. Você aceita continuar?

– Eu aceito tudo – respondi.

– Agora você precisa renunciar aos seus sentimentos. Você renuncia ao seu amor?

– Eu renuncio – falei, imediatamente.

– Diga isso com seu coração. Aceita não mais amar da forma que você amava?

– Aceito.

Meu coração pulsou e tornou-se negro. Transformou-se em pedra.

Eu desmaiei. Quando recobrei a consciência, não sentia mais nada. Eu era como uma concha vazia.

– Agora é o mais difícil de tudo. Muitos falharam nesse passo – disse o fantasma – terá que renunciar a sua razão.

– Eu renuncio – falei.

– Você não sabe o que está dizendo! – gritou o fantasma – para muitos é fácil renunciar aos

sentimentos. Mas você aceita abandonar tudo o que acha que sabe?

Eu já tinha lido muitos livros. Tinha orgulho do que aprendi. Eu achava que sabia mais que muita gente.

Mas no fundo eu não sabia de nada.

– Abandone seu orgulho. O orgulho do seu conhecimento.

Aquilo era apenas conhecimento humano. Especulações que fizemos com nossa razão humana limitada. Era apenas um jogo.

– Eu não sei de nada – falei – eu nunca soube de nada. Sou pequena. Não sou amor. Não sou sabedoria. Eu renuncio a mim mesma.

– Diga isso com todo seu ser. Grite e rasgue seu conhecimento.

– Eu sou tudo aquilo que acho que não sou! – berrei – eu quero desaparecer.

– Não importa o que você quer fazer! – gritou o fantasma, ainda mais alto – e sim o que deve fazer! Cumpra seu objetivo!

– Eu DEVO desaparecer!! – gritei – meu pequeno ser tem sede de existência. Mas eu cortarei a fonte da água da vida.

– Eu devo morrer.

– Eu devo morrer – repeti.

– Essa é a morte que devo morrer.

– Essa é a morte que devo morrer.

Não consegui articular mais palavras. As palavras simplesmente não saíam.

Eu não estava somente cega, mas surda e muda. Tentei sentir a pedra, mas não sabia mais onde estavam meus braços.

A Busca da Mortalidade

Não sei por quanto tempo fiquei nesse estado de latência. Quando acordei outra vez, senti apenas um cheiro forte de terra.

Não conseguia respirar. Eu me sentia sufocada. Fiz força com as mãos, mas eu estava muito fraca. Não comia há dias.

Joguei a terra longe e finalmente respirei o ar do mundo.

Olhei ao meu redor. Eu havia sido enterrada.

– Você fez, Maria. Fez o que devia ser feito. Finalmente.

Era a voz do fantasma. Meu sentidos físicos tinham retornado a mim. Até mesmo a visão. Mas algo parecia diferente.

– Eu morri?

– Sim, mas apenas sua primeira morte – explicou o fantasma – aceitou renunciar a sua imortalidade. Agora não poderá voltar atrás: tornou-se mortal.

Lembrei que senti meu espírito por um breve instante em meio à guerra dos fantasmas. E somente aquele curto momento valeu por meus longos anos de vagar pela minha existência vazia.

Eu levantei-me. Fiquei de pé e senti as pernas trêmulas.

– Devo cometer suicídio agora? – perguntei.

– Não faça isso – recomendou o fantasma – apenas aguarde que a morte natural te atinja. Esse é o caminho correto. A via dos sábios. Siga seu destino.

– Quanto tempo vai levar?

– No máximo cinquenta anos. Você terá um envelhecimento normal. Mas espere que a morte te leve antes disso.

– Compreendo. E agora, para onde devo ir?

Wanju Duli

– Isso é uma escolha que você mesma deve fazer.

Pensei em voltar para casa e explicar tudo aos meus pais e amigos, para tranquilizá-los.

Mas logo percebi que essa seria uma péssima escolha, a não ser que eu quisesse causar um imenso sofrimento para mim e para os outros.

Eu já não temia a dor, mas é claro que meus pais e meus amigos que viviam no mundo não entenderiam. Por mais que eu explicasse, eles não entenderiam porque resolvi renunciar à minha imortalidade por vontade própria.

Eles chorariam muito, sofreriam por mim. E não entenderiam que no fundo só estavam sofrendo por si mesmos, porque tinham me perdido.

Eu estava em paz. Finalmente, uma paz duradoura. Não era alegria e nem dor. Era apenas um estado de tranquilidade por ter cumprido meu dever.

Não importava que fosse apenas um dever “cultural” ditado por livros sagrados escritos por mãos humanas. Eu sabia que no fundo não havia só mãos humanas naqueles livros, mas inspiração divina.

E eu mesma havia me encontrado com os Deuses. Eu me sentia forte. Sabia que tinha feito a coisa certa.

O caminho de cada um era único. Para Bianca, que já estava mais avançada no entendimento, não houve muita dor. Ela apenas encontrou-se com o Fantasma e renunciou tranquilamente a sua imortalidade.

No meu caso, eu ainda era muito apegada a mim mesma, aos meus sentimentos e saberes. Por isso tive que passar por aquele processo doloroso, mas eu não me arrependia.

A Busca da Mortalidade

Fiz uma reverência para o Fantasma Sagrado. E assim nos separamos, respeitosamente.

O caminho de volta foi surpreendentemente rápido. Eu já não pensava em coisas como fome, sede, sono e conforto. Sentia que eu não pertencia mais àquele mundo e que quando meus pés tocavam o chão ou a lama, aqueles pés não eram meus.

Eu me sentia como um cadáver que caminhava. E aquilo era muito bonito de se ver.

Aquele corpo não era meu. Aquela mente não era minha.

Eu não era desse mundo.

Retornei para a Cidade dos Fantasmas, onde vivia Bianca. Descobri que era assim que ela se chamava, já que ficava perto do Pântano dos Fantasmas e mal havia almas vivas por lá.

Quando encontrei com Bianca, ela entendeu imediatamente que eu era um cadáver que caminhava, como ela. E sorriu para mim.

Pedro já havia recuperado seu corpo e partiria para o Pântano naquela mesma noite. Desejei-lhe uma boa viagem.

Eu decidi que nunca mais escalaria o Abismo. Aquele mundo já não me pertencia e eu não ganharia nada retornando a ele. Por isso, simplesmente escrevi uma longa carta para a minha família, colocando nela muito amor e deixando claro que eu estava mais feliz que nunca. E pedi para que Momo a levasse para meus pais.

É claro que, na prática, o que eu estava sentindo não era exatamente amor, paz e felicidade. Mas resolvi me expressar nesses termos para que meus pais entendessem.

Wanju Duli

O que eu realmente sentia era algo equivalente a essas palavras, mas muito mais sublime. Não era a dualidade prazer e dor. Afinal, se eu aceitava o prazer viria com ele a dor.

Era um tipo de estado de bem-aventurança, que poderia ser traduzido por “felicidade eterna”. Mas não era bem felicidade. E não era paz. Não era... nada.

Eu ainda tinha meu corpo e podia sentir dor e prazer nele. Mas eu já não me identificava tanto com aquelas coisas. Sabia que meu corpo não era meu e que se um mosquito picasse minha pele o que ele estava picando era aquele pedaço de carne que estava grudado ali, como uma roupa que poderia ser retirada.

Optei por trabalhar. E trabalhei muito.

Passei a viver na Cidade Fantasma, mas para morar ali eu tinha que fazer muitos trabalhos físicos pesados, como ajudar nas plantações e no moinho.

Eu senti que deveria fazer isso. Afinal, não havia mais nada a ser feito da minha vida além de esperar a morte. Eu já não tinha pressa e ansiedade.

O meu único dever agora era alimentar meu corpo físico. Manter minha existência o mínimo necessário e aguardar o grande dia do meu encontro completo com o espírito.

Mesmo enquanto eu tinha um corpo, continuava a sentir o espírito cada dia mais forte: eis o poder da mortalidade, pois ao aproximar-me cada vez mais da morte, sentia seu abraço.

Montei uma capelinha para Elale do lado de fora. Sempre me ajoelhava e rezava para ela. Os anos se passavam e às vezes ela vinha me visitar.

A Busca da Mortalidade

Aos 130 anos, eu já estava com pele enrugada e cabelos brancos. Confesso que senti-me encantada ao ver aquele processo incrível e tão natural. Era o envelhecimento que me dizia: está chegando o dia mais feliz do mundo, no qual você irá tocar diretamente os Deuses e sua alma.

Aos 139 anos caí de cama. Ao longo daqueles anos estava cada vez mais difícil trabalhar na plantação e eu sentia grandes dores.

Mas eu aceitei tudo isso como uma mortificação do corpo para me preparar para a morte. Como o corpo era sábio! Ela ia ficando cada vez mais fraco, ia se apagando, para me mostrar a realidade da vida: não se apegue ao seu corpo, ele é somente sua morada temporária. O seu espírito é seu refúgio seguro.

Pedro e Bianca estavam tão velhinhos quanto eu. Eles seguraram minhas mãos quando fiquei doente e sorriram para mim, como se dissessem: “Sua sortuda! Vai encontrar seu espírito antes de nós!”.

No momento derradeiro, pedi para que me deixassem a sós. Somente Elale veio me visitar. Deitei em seu colo e chorei, em meio a dores horríveis e o agradei mil vezes.

Era somente isso que eu precisava.

Tudo o que eu queria.

Porque eu não precisava de mais nada e não queria mais nada.

Não me lembro se encontrei meu espírito após a morte, se fui morar com os Deuses, no céu, no inferno ou em qualquer outra realidade. Mas será que aquilo realmente importava?

Wanju Duli

Cumpri meu objetivo e encontrei com meu espírito ainda em vida. Minha própria existência, ao aceitar serenamente a realidade da dor, transformou-se em céu.

FIM

